

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PROJECTO EU, TU & NÓS NA ESCOLA: IMPACTO
DAS MISSÕES INTERNACIONAIS NOS JOVENS
FILHOS DE PAIS MILITARES E A IMPORTÂNCIA DO
APOIO DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Ana Rita Rodrigues Pinto

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**PROJECTO EU, TU & NÓS NA ESCOLA: IMPACTO
DAS MISSÕES INTERNACIONAIS NOS JOVENS
FILHOS DE PAIS MILITARES E A IMPORTÂNCIA DO
APOIO DA COMUNIDADE ESCOLAR**

Ana Rita Rodrigues Pinto

Dissertação orientada pela Prof.^a Doutora Rita Francisco

Co-orientada pelo Major Renato Pessoa dos Santos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)

2015

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Rita Francisco, pela sua disponibilidade e apoio constantes durante este processo. Por ter sido bastante compreensível e flexível em relação aos meus atrasos e à minha ansiedade.

Ao Major Renato Santos, pela colaboração em encontrar famílias e escolas interessadas em colaborar connosco, e pelo entusiasmo pelas minhas ideias.

Ao CPAE, por providenciarem os seus recursos para a realização deste estudo.

A todos os jovens e professores que se disponibilizaram para partilhar as suas experiências e opiniões connosco.

Aos colegas e amigos, especialmente os do “cantinho da biblioteca”: Inês Amorim, Inês Dias, Rita Alves, André Pinto, Filipe Mesquita, por estarem lá, literalmente todos os dias, e também em momentos de desespero; e ao Ângelo Simões, por estar sempre a um telefonema de distância.

À Ana Afonso, pelas tardes de trabalho intenso, pelos bolinhos, por esclarecer todas as minhas dúvidas em relação ao Nvivo, e pelo seu apoio tanto a nível académico como pessoal.

À Catarina, por estar sempre lá para mim, seja para o que for. Por me dar sempre a mão quando preciso, e também refilar comigo como se fosse minha mãe. Por todo o seu apoio, e pela grande amizade que construímos.

À Patrícia, por ser a irmã que nunca tive. Por me ensinar que não precisamos de perder as amizades seja pelo que for na vida, e por respeitar todas as vezes que recusei a sua companhia porque tinha de “fazer a tese”.

A toda a minha família, em especial ao meu pai, por ter aturado o meu mau feitio (quase) sempre com uma palavra amiga e com um abraço. Por me ter transmitido a música, desde muito pequena, que tanto me dá força nos piores momentos.

Ao Pedro, pelo seu apoio constante, por nunca desistir de mim e me fazer acreditar nas minhas capacidades, mesmo em alturas de desespero e desmotivação. Por ser, desde há tantos anos, uma das minhas bases seguras. Pelo carinho, amor e grande amizade.

RESUMO

As missões internacionais de militares envolvem não só os próprios militares mas também, indirectamente, as suas famílias e a comunidade envolvente. É por isso importante considerar todos os sub-sistemas familiares (conjugal, parental, co-parental e fraternal) e também os contextos circundantes, nomeadamente o escolar, para compreender de forma holística o impacto do deslocamento e os contributos que podem ajudar a uma melhor adaptação ao mesmo. Este estudo pretende conhecer o impacto das missões internacionais no bem-estar dos filhos de militares, bem como a forma como a comunidade escolar pode promover um ajustamento positivo destes durante as várias etapas do deslocamento. Especificamente, tem os seguintes objectivos: compreender as dificuldades dos jovens, filhos de militares, durante o período de missão dos pais; compreender as dificuldades sentidas pela comunidade escolar que estabelece contacto com estes jovens; e conhecer os recursos já existentes identificando novas formas de apoio. Trata-se de um estudo exploratório e qualitativo, cuja amostra é constituída por 17 participantes: nove alunos filhos de pais militares e oito professores que lidam e/ou lidaram com este tipo de estudantes. Realizaram-se três *focus group* (dois com alunos e um com professores), cujas transcrições foram posteriormente analisadas de acordo com os procedimentos de análise temática, com recurso ao *software* QSR Nvivo 10. Os resultados mostraram que as dificuldades associadas à adaptação dos jovens durante a missão internacional estão relacionadas com alterações emocionais e com mudanças nas rotinas familiares, salientando-se o papel dos pares e da mãe como importantes fontes de suporte. Para um ajustamento positivo destes alunos sobressaiu ainda o contributo que a comunidade escolar pode exercer, devendo existir para tal um esforço de articulação entre a escola, os pais destes alunos e o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE). No final são discutidas as limitações deste estudo, bem como algumas implicações para investigações futuras e para a intervenção com estes jovens estudantes e a comunidade escolar envolvente.

Palavras-chave: Famílias Militares, Missão Internacional, Adolescentes, Adaptação, Comunidade Escolar.

ABSTRACT

Military international missions involve not only the military themselves but also, indirectly, their families and the involving community. It is therefore important to consider all the family sub-systems (marital, parental, co-parental and fraternal) and also the surrounding contexts such as school, to understand holistically the impact of deployment and the contributions that can help a better adaptation. This study intends to acknowledge the impact of international missions on the well-being of military children, as well as how the school community can promote a positive adjustment during the various stages of deployment. Specifically, this study has the following objectives: understand the difficulties of young military children during the parental deployment; understand the difficulties faced by the academic community that establishes contact with these youngsters; and to know the existing resources, identifying new forms of support. This is an exploratory and qualitative study, which sample consisted of 17 participants: nine students, whose parents are military, and eight teachers dealing and / or dealt with such students. There were three focus groups (two with students and one with teachers), whose transcriptions were analyzed afterwards according to the thematic analysis procedures, using the software QSR Nvivo 10. The results showed that difficulties associated with adaptation of young people during the international mission are related to emotional changes and changes in family routines, emphasizing the role of peers and the mother as important sources of support. To a positive adjustment of these students it stood out the contribution that the school community can exercise and there should be a joint effort between the school, parents of these students and the Applied Psychology Center of the Army (CPAE). At the end we discuss the limitations of this study, as well as some implications for future research and for assisting these young students and the surrounding school community.

Keyword: Military Families, International Mission, Adolescents, Adaptation, Academic Community

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	2
A perspectiva Sistémica e as Famílias Militares.....	3
Missões Internacionais das Forças Armadas Portuguesas	5
Ciclo Emocional das Missões	6
<i>Pré-Deslocamento</i>	6
<i>Deslocamento</i>	7
<i>Manutenção</i>	8
<i>Pós-Deslocamento</i>	8
Saúde Mental dos Filhos de Militares.....	10
<i>Filhos Adolescentes</i>	11
Comunidade Escolar e as Famílias Militares.....	13
Programas de Apoio às Famílias Militares	14
II. METODOLOGIA	17
Enquadramento Metodológico.....	17
Desenho da Investigação	17
<i>Questão Inicial</i>	17
<i>Objectivos</i>	17
<i>Caracterização da Amostra</i>	18
<i>Instrumentos</i>	18
<i>Procedimento de Selecção da Amostra e Recolha dos Dados</i>	19
<i>Procedimento de Análise e Interpretação dos Dados</i>	20
III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS.....	21

CONCLUSÃO.....	38
Limitações e Implicações para a Investigação.....	38
Implicações Práticas	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIOS SOCIODEMOGRÁFICOS	47
Apêndice A 1. Questionário Sociodemográfico: Alunos.....	48
Apêndice A 2. Questionário Sociodemográfico: Professores	48
APÊNDICE B - GUIÃO DE FOCUS GROUP – ALUNOS	49
APÊNDICE C - GUIÃO DE FOCUS GROUP – PROFESSORES	53
APÊNDICE D - CONSENTIMENTO INFORMADO – ALUNOS	56
APÊNDICE E - CONSENTIMENTO INFORMADO – PROFESSORES.....	58
APÊNDICE F - AUTORIZAÇÃO DOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	60
APÊNDICE G – ÁRVORE DE CATEGORIAS.....	609

INTRODUÇÃO

O presente estudo enquadra-se num projecto designado “Eu, Tu & Nós” em que a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa colabora com o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE). Este projecto dedica-se ao estudo das famílias militares, tendo como principal objectivo compreender o impacto das missões internacionais em todos os subsistemas familiares e desenvolver formas de promoção da resiliência destas famílias. Mais concretamente, a presente investigação relaciona-se com o prolongamento desse projecto, com o intuito de o envolver no sistema escolar, originando o “Eu, Tu & Nós na Escola”.

Para alcançar este objectivo, existem vários caminhos percorridos e ainda a percorrer no futuro. O contributo do presente estudo surge num dos caminhos mais longos e que em muito nos influencia: o percurso escolar. Assim, pretende-se estudar a forma como os alunos, filhos de pais militares percebem e lidam com a missão dos seus pais, e de que forma a escola pode ou não influenciar na adaptação destes alunos (que corresponde ao principal objectivo da presente dissertação). Tem-se ainda como objectivo desenvolver, num futuro próximo, um projecto que, por um lado, promova as competências da comunidade escolar, impulsionando nestes recursos que podem ajudar a lidar com estes alunos e as suas famílias. Por outro lado, pretende-se também promover os próprios alunos a olharem para si próprios e para as experiências das missões dos pais de forma mais adaptativa.

A presente dissertação está organizada em vários capítulos: Enquadramento Teórico, onde se encontra uma revisão da literatura sobre os principais temas associados ao impacto das missões em crianças e jovens filhos de pais militares e ainda acerca do papel que a comunidade escolar poderá ter junto destes alunos. De seguida apresenta-se a Metodologia, onde se pretende dar a conhecer as etapas que caracterizam o processo metodológico deste estudo. Depois, surge a Análise e Discussão dos Resultados, que pretende responder aos objectivos de investigação, integrando os resultados da investigação com a literatura anteriormente revista. Por fim, na Conclusão, são apresentadas as principais reflexões, limitações e implicações para estudos futuros e para a prática clínica nesta área.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“(…) Toda a família está sujeita a dois tipos de pressão: a interna e a externa. Enquanto que a primeira resulta das mudanças inerentes ao desenvolvimento dos seus membros e dos seus sub-sistemas, a pressão externa está relacionada com as exigências de adaptação dos mesmos às instituições sociais que sobre eles têm influência.”

(Alarcão, 2000, p.91)

Ao longo das últimas décadas tem-se sentido a necessidade de melhor conhecer os desafios e as dificuldades sentidas pelas famílias militares, com o intuito de minorar as consequências do impacto das missões. De facto, existem inúmeras investigações acerca desta temática, realizadas nomeadamente nos Estados Unidos da América (EUA), devido à crescente deslocação de militares para as zonas de combate do Iraque e do Afeganistão: perto de dois milhões de crianças pertencem a famílias militares e cerca de 700.000 militares estiveram em missão no Iraque ou no Afeganistão (Acion, Ramirez, Jorge & Arndt, 2013; Maholmes, 2012). Apesar das diferenças entre o Exército dos EUA e o de Portugal, é de referir a semelhança no *stress* associado à profissão militar, bem como a ausência e afastamento da família (Baltazar & Salvador, 2012). É esta pressão externa, supracitada na referência, que origina mudança, adaptação e reorganização em todos os sub-sistemas familiares e ao longo do ciclo da missão – o que acontece um pouco por todo o mundo. Com efeito, e de acordo com Martínez-Sánchez (2014), qualquer operação militar no exterior pode afectar o bem-estar psicológico e a integridade física dos militares destacados, o que certamente terá repercussões nas relações familiares (não só na relação conjugal mas também na relação parental e co-parental). Além disso, estas relações possivelmente medeiam o impacto que o deslocamento tem no bem-estar das crianças (Payley, Lester & Mogil, 2013), sendo que este se vai reflectir não só no domínio familiar como também no académico. No entanto, poucas investigações têm examinado o papel de ambientes escolares apoiantes no desenvolvimento psicológico, emocional e social dos estudantes filhos de militares (Astor, De Pedro, Gilreath, Esqueda & Benbenishty, 2013).

Assim, em Portugal torna-se fulcral debruçarmo-nos sobre esta área e providenciar ferramentas aos profissionais que lidam com as famílias militares (Marek & D’Aniello, 2014), nomeadamente à comunidade escolar, pois são ainda reduzidos os estudos acerca

deste tipo de famílias, e mais escassos os que retratam as vivências escolares das crianças e adolescentes filhos de militares.

A perspectiva Sistémica e as Famílias Militares

*“O deslocamento é, sem dúvida, um evento
stressor na vida da família militar.”*

(Maholmes, 2012, p.1)

Os fundamentos da perspectiva sistémica têm por base algumas teorias, tais como a Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy, 1968) e o Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1986). Além destas, a Sistémica tem ainda outros alicerces, nomeadamente a teoria da vinculação na infância (e.g., Bowlby, 1969) e as teorias do *stress* familiar (e.g., Modelo ABCX Duplo de McCubbin & Patterson, 1983).

Foi inicialmente com Bertalanffy (1968) que surgiram os conceitos de sistema e sub-sistema (conjugal, parental, co-parental, da fratria, da relação pais-filhos), como entidades interdependentes com comportamentos de auto-organização através do estabelecimento de mecanismos de feedback (positivo e negativo), isto é, estes comportamentos permitem ao sistema familiar manter um certo equilíbrio homeostático (Rasheed, Rasheed & Marley, 2011). Com esta teoria, surgem ainda outros conceitos relevantes, tais como os de fronteiras, regras e hierarquia (Bertalanffy, 1968), que muito se adequam quando se tenta perceber as alterações que ocorrem na família militar durante o ciclo da missão. Efectivamente, ocorrem mudanças que alteram a homeostase do sistema familiar e dos sub-sistemas nele existentes. De facto, no sub-sistema conjugal, a separação física da díade consequente de uma missão internacional pode ser uma fonte de *stress* para o casal (e.g., Barbudo, Francisco & Santos, 2014). Por outro lado, no sub-sistema co-parental, com a ausência do pai militar, aquele que fica (geralmente a mãe) acarreta todas as responsabilidades da casa e dos filhos (Gewirtz, McMorris, Hanson & Davis, 2014; Martins, Santos & Francisco, 2014; Padden & Agazio, 2013). Tal mudança poderá alterar a hierarquia e as regras praticadas no seio familiar. Além disso, quando existe um filho adolescente ou pré-adolescente, este fica geralmente encarregue de ajudar nas tarefas que eram realizadas pelo progenitor militar

(Paley et al., 2013), o que pode modificar as fronteiras intergeracionais, isto é, as fronteiras entre os pais e os filhos. Relativamente ao sub-sistema da relação da fratria, o irmão mais velho pode sentir-se sobrecarregado por ter de ajudar não só a cuidar da casa como também do irmão mais novo (Paley et al., 2013). Por fim, no que concerne ao sub-sistema da relação pai-filho, a reintegração que é feita no regresso do progenitor a casa acaba por ser mais difícil nomeadamente para jovens adolescentes, por lhes custar a relacionarem-se novamente com este (Mmari, Bradshaw, Sudhinaraset & Blum, 2010).

Tendo em conta a idiosincrasia das famílias, cada uma tem as suas próprias estratégias de *coping* a que recorre, reagindo por isso de forma única (Marek & D’Aniello, 2014). Consequentemente há sistemas familiares que, dependendo do evento, voltam ao seu estado de equilíbrio através de mudanças de 1ª ordem (retroacção negativa) – mecanismo de regulação que permite manter o sistema estável através da auto-correcção do sistema, ou mudanças de 2ª ordem (retroacção positiva) – mudança qualitativa que possibilita o crescimento e a descoberta de uma nova homeostase (Alarcão, 2000).

O Modelo Ecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1994) postula que o desenvolvimento do ser humano ocorre através de processos cada vez mais complexos de interações recíprocas entre este e as pessoas, objectos, e o ambiente no qual está inserido. Assim vai evoluindo ao longo de vários níveis, desde o mais interior ao mais exterior: microssistema – maior e directa interacção com o ambiente imediato (e.g., família, grupo de pares), mesossistema – estabelece ligação entre dois ou mais locais que incluem a pessoa em desenvolvimento (e.g., relações entre casa e escola ou escola e local de trabalho), exossistema – relação estabelecida com pessoas ou organizações externas (e.g., vizinhos, relações profissionais e com outros familiares), macrossistema – engloba os sistema político, social, económico, educativo e de crenças de uma determinada cultura e época histórica, e cronossistema – tempo como atributo do crescimento humano e propriedade do ambiente que o rodeia, através do seu trajecto de vida e ao longo do tempo histórico (Bronfenbrenner, 1994).

Especificamente no que se refere às famílias militares, é ainda importante referir que a ligação emocional ou a vinculação que se estabelece com os pais providencia às crianças um sentido de segurança e uma fonte externa da sua regulação emocional, pelo que esta pode ficar comprometida quando ocorre uma separação de uma das principais figuras de vinculação (Paley et al., 2013). Efectivamente, eventos como repetidas

separações do pai ou da mãe e o crescente conhecimento da natureza do serviço militar, podem ser fontes de *stress* para os filhos de militares (Morris & Age, 2009).

Segundo Paley et al. (2013), tendo em conta a forma como os pais e as crianças lidam com os desafios da vida militar, é importante considerar que quando um determinado evento *stressor* afecta um membro familiar, irá consequentemente afectar outros membros da família, sendo as crianças e os jovens os mais vulneráveis (Misra e Singh, 2014). Quando ocorre o deslocamento de um militar – situação de *stress* extra-familiar – a sua família tem como função tornar-se o suporte dos seus elementos (Alarcão, 2000). Para os profissionais que lidam com estas famílias é fulcral terem a noção de que o impacto que as missões têm nas crianças e nos pais é mediado pelas relações conjugal, co-parental e parental (Paley et al., 2013).

É por isso tão importante “olhar” para estas famílias com lentes sistémicas, de forma holística e tendo por base o ser humano em constante relação, ao invés de considerar unicamente um indivíduo (Marek & D’Aniello, 2014), permitindo intervir através da compreensão da complexidade do impacto dos deslocamentos militares nos elementos da família (Paley et al., 2013), contemplando não só os sub-sistemas familiares, como também os sistemas externos à família nuclear, como o sistema escolar.

Missões Internacionais das Forças Armadas Portuguesas

“As famílias militares debatem-se com os princípios de duas instituições fundamentais – instituição militar e família – e em que ambas lhe exigem o máximo no que concerne a compromissos, lealdade, tempo e energia.”

(Baltazar & Salvador, 2012, p.5)

A Instituição Castrense tem sofrido bastantes alterações nas últimas décadas. Contudo, a função militar continua a obedecer a uma estrutura hierárquico-disciplinar e a uma série de fundamentos, nomeadamente a disponibilidade permanente para o serviço, as restrições de direitos, o dever de aceitar os riscos físicos e psicológicos resultantes das missões (mesmo as humanitárias) e a disponibilização da própria vida em defesa do seu país (Jorge, Nascimento & Lopes, 2014; Carreiras, 2015). Desde a década de 50, precisamente no ano de 1952, que Portugal participa em missões intituladas “Operações de Paz” – missões de paz e humanitárias, podendo estas ser por

parte da Organização das Nações Unidas (ONU), *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) ou União Europeia (UE). Este tipo de missões tem como objectivo central manter a paz em território internacional – geralmente em países governados pela violência e pela guerra. Nos últimos 20 anos foram destacados militares portugueses em missões internacionais para países como Lituânia, Iraque, Afeganistão, Líbano, Kosovo, Moçambique, Timor Leste, Angola, Balcãs, Sudão, Congo, Guiné-Bissau, Saara Ocidental, entre outros (Sousa, 2011).

Apesar das modificações que têm ocorrido na carreira militar, continua a ser necessário e premente desenvolver esforços para apoiar social e psicologicamente as famílias militares (Carreiras, 2015; Baltazar & Salvador, 2012), como veremos posteriormente.

Ciclo Emocional das Missões

As missões internacionais podem ocorrer em diversos locais, ter diferentes objectivos e tempo de permanência, podendo ir de vários meses a vários anos. No geral, costumam decorrer durante o mínimo de seis meses. Vários investigadores têm-se debruçado sobre o impacto das missões ao longo de várias fases, sendo as mais centrais *pré-deslocamento*, *deslocamento* e *pós-deslocamento* (Martínez-Sánchez, 2014). Por outro lado, diferentes autores consideram uma divisão em cinco etapas: *pré-deslocamento*, *deslocamento*, *manutenção*, *re-deslocamento* e *pós-deslocamento* (Pincus, House, Christenson & Alder, 2001; Padden & Agazio, 2013); e em sete estádios: *antecipação da partida*, *desvinculação e retirada*, *desorganização emocional*, *recuperação e estabilização*, *antecipação do regresso*, *ajustamento do regresso e renegociação*, e por fim, *reintegração e estabilização* (Van Breda, 1996; Morse, 2006). Tendo em conta a especificidade de emoções e tarefas associadas às diferentes etapas das missões militares, uma descrição detalhada e integrada das mesmas parece ser o mais apropriado.

Pré-Deslocamento

A primeira etapa pode variar, no que concerne à sua duração – entre poucas semanas a mais de um ano. Esta fase decorre desde a notificação da ordem da missão até o militar partir. De acordo com os resultados de Bóia (2014), tendem a ocorrer mais

manifestações de carinho entre os cônjuges, bem como um aumento da comunicação e do tempo que passam juntos, especialmente na véspera da partida do militar.

Durante esta etapa surge a preparação de diversos assuntos, nomeadamente relacionados com a saúde e escola dos filhos, finanças, manutenção do carro, reparações na casa, seguros (Pincus et al., 2001), o que pode aumentar o nível de *stress* em casa e na família (Rossen & Carter, 2011). Além disso, é frequente ocorrerem treinos de preparação para o militar, que envolvem longas horas fora de casa. Consequentemente, o cônjuge que fica em casa, geralmente a esposa, começa a sentir a distância física e possivelmente emocional que vão fazer parte da missão, o que ajuda a libertar-se da negação e a antecipar a despedida – características do primeiro estágio *antecipação da partida* (Morse, 2006). Além disso, e de acordo com os resultados de Bóia (2014), o distanciamento relacional entre o casal (principalmente o afastamento emocional) parece ser o principal responsável pelas dificuldades que as esposas experienciam nesta fase.

Este estágio tem ainda outras características, de acordo com Van Breda (1996), como irritabilidade, depressão, choro, e discussões entre o casal conjugal – as mulheres tendem a sentir-se zangadas e ressentidas com o deslocamento do marido, enquanto os homens tendem a sentir-se culpados por terem de “deixar” as suas esposas. O segundo estágio – *desvinculação e retirada* – ocorre durante os últimos dias antes da partida e é frequente existir um sentimento de desespero acompanhado pela distância emocional do casal (Van Breda, 1996). Isto pode ocorrer, em parte, devido ao companheirismo e relação que se fortalece nesta fase entre colegas militares (Morse, 2006).

Deslocamento

Esta etapa inicia-se no momento em que o militar parte até o primeiro mês depois da deslocação. Geralmente ocorre uma mistura de emoções na família, desde ansiedade pelo primeiro contacto (que pode demorar algumas semanas), alívio (por já não terem de parecer fortes), angústia e tristeza (Pincus et al., 2001). Desta fase faz parte o terceiro estágio – *desorganização emocional* – durante o qual o progenitor que fica em casa pode sentir alterações no sono (hipersónia ou insónia), culpa, zanga, confusão ou indecisão, enquanto no militar ocorrem sentimentos tais como frustração e solidão (Van Breda, 1996). Por outro lado, segundo os resultados de Bóia (2014) é frequente as esposas sentirem insegurança na relação de casal, saudades dos militares e

especialmente preocupação com o seu bem-estar. Além disso, sentem também que o cônjuge exprime mais sentimentos de amor e saudade, e uma necessidade acrescida de comunicar com a família (Bóia, 2014).

Manutenção

A terceira fase decorre desde o primeiro até ao décimo oitavo mês, ou até ao último mês da missão (dependendo da duração da mesma). Nesta etapa, e segundo Pincus e colaboradores (2001), é altura de estabelecer novas fontes de suporte e novas rotinas, e o contacto que se estabelece entre a família e o militar é de extrema importância – o facto de ser unidirecional (só o militar pode contactar a família) pode ser causador de *stress* para a família. Relativamente às crianças, estas podem reagir de diferentes formas, tendo em conta a sua idade e nível de desenvolvimento: crianças em idade escolar tendem a lamuriar-se, podendo somatizar com dores no corpo e até ficar mais agressivos; enquanto os adolescentes tendem a isolar-se, a diminuir o interesse por actividades da escola ou com os pares, e podem até iniciar o consumo de drogas. Além disso, as crianças e jovens de pais militares, que se encontrem em missões internacionais, encontram-se mais vulneráveis a hospitalizações psiquiátricas – sobretudo filhos de pais solteiros ou de famílias reconstituídas (Pincus et al., 2001).

Nesta etapa do ciclo emocional, associa-se o quarto estágio – *recuperação e estabilização* – durante o qual a esposa reorganiza a sua vida; sente-se bem e independente (Van Breda, 1996), desenvolvendo a sua confiança já que se sente capaz de superar o deslocamento do marido (Morse, 2006).

Re-Deslocamento

Esta etapa da missão decorre no mês anterior ao militar regressar a casa, culminando com o regresso efectivo. Caracteriza-se pela *antecipação da chegada* – correspondendo ao quinto estágio – sendo normal por parte das mulheres ou do cônjuge que fica em casa sentimentos de excitação, alegria, apreensão, explosão de energia (o cônjuge deseja completar tudo da lista de tarefas pois as expectativas são elevadas), e dificuldade em manter decisões (Pincus et al., 2001; Van Breda, 1996; Morse, 2006).

Pós-Deslocamento

A última fase inicia-se com a chegada do militar à sua unidade e estende-se de três a seis meses após o seu regresso. Esta talvez seja a fase mais importante para o casal e

caracteriza-se por ser um período de lua-de-mel (em que o casal recupera contacto emocional e físico), durante o qual há também perda de independência e por isso os cônjuges podem sentir necessidade de terem o seu próprio espaço (Pincus et al., 2001). Os resultados de Bóia (2014) mostram efectivamente que neste período, ocorre na relação conjugal um aumento da comunicação, da partilha de afectos, da sexualidade e da empatia entre os cônjuges.

Por outro lado, todas as famílias passam por uma renegociação das rotinas e reestruturação de papéis (Van Breda, 1996; Ashurst, Smith, Little, Frey & Werner-Wilson, 2014; Rossen & Carter, 2011) – estágio seis: *ajustamento do regresso e renegociação* (seis semanas após o regresso) – pois desde que o militar partiu até ao seu regresso várias alterações familiares foram feitas, nomeadamente em relação às tarefas da casa. De facto, e de acordo com os resultados de Marques (2014), a etapa do pós-deslocamento surge associada à reatribuição das responsabilidades individuais de cada um dos cônjuges, ou ainda à diminuição das tarefas do que ficou em casa durante a missão do militar.

Durante este estágio é também frequente as esposas experienciarem distância emocional e dificuldades sexuais. O último estágio, característico desta fase, consiste na *reintegração e estabilização* (seis a 12 semanas após o retorno), quando já novas rotinas e papéis foram estabelecidos na família (Van Breda, 1996). Contudo, é importante considerar estes valores apenas como referências, e não como “prazos” obrigatórios. Com efeito, o processo de reintegração individual e familiar pode durar vários meses e até alguns anos, tendo em conta o *stress* e a confusão gerados pela reidentificação de papéis (Marek & D’Aniello, 2014).

Na etapa *pós-deslocamento*, talvez a função mais importante seja a reintegração do militar na família, e esta pode ser particularmente problemática para as crianças. De acordo com Pincus e colaboradores (2001), as crianças em idade escolar podem pedir e exigir mais atenção, ao passo que os adolescentes podem parecer distantes e não se importar. Todos, independentemente da idade, costumam ficar leais ao progenitor que permanece em casa, o que pode dificultar a autoridade do pai militar (Paley et al., 2013). Da mesma forma, este pode não gostar dos privilégios atribuídos aos seus filhos por parte do progenitor que fica em casa, o que pode tornar-se um desafio para o casal parental ultrapassar (Pincus et al., 2001).

Esta fase de reencontro pode ser uma oportunidade para os pais e os seus filhos reconectarem de novas maneiras, se o processo de reintegração for saudável e existir apoio disponível para estas famílias (Ashurst et al., 2014).

Saúde Mental dos Filhos de Militares

Mudanças frequentes e deslocamentos levam a várias separações que causam impacto no ajustamento dos militares e das suas famílias (Carreiras, 2015). De facto, qualquer operação militar que ocorra num país estrangeiro pode afectar o bem-estar psicológico das pessoas que nela embarcam (Martínez-Sánchez, 2014), não só os militares mas também as suas famílias. Apesar de existirem, na investigação, resultados em direcções opostas são numerosos os estudos que sugerem que crianças e adolescentes de famílias militares tendem a ter mais desafios e a experienciarem as suas vivências de forma mais negativa psicológica, social e emocionalmente (e.g., Williams, 2013; Cederbaum et al., 2013). De facto, as condições de trabalho dos pais podem trazer mais consequências para as crianças, e estas podem ser observáveis mais tarde, pronunciando-se de forma tendencialmente diferente nas raparigas e nos rapazes (Morris & Age, 2009; Payley et al., 2013).

Vários estudos mostram que as crianças de famílias militares apresentam um maior risco de desenvolver sintomas depressivos, entre outros problemas de saúde mental (e.g., Cederbaum et al., 2013; Chandra et al., 2010). Com efeito, os cuidadores reportam níveis mais elevados de dificuldades emocionais nestas crianças, quando comparadas com a população civil, sugerindo que crianças de famílias militares podem ter um maior risco para apresentarem problemas emocionais ou de comportamento, e que estes podem ainda ser exacerbados por um evento stressor na família ou pela diminuição da saúde emocional do cuidador que fica em casa, geralmente a mãe (Chandra et al., 2010). Contudo, vários estudos apontam para o apoio maternal como um dos importantes factores contra o desenvolvimento desta sintomatologia (Morris & Age, 2009; Maholmes, 2012). Concomitantemente, a qualidade do cuidado materno está ligada à segurança da criança, e estão ambos relacionados com as competências sociais desta para com os pares (Misra & Singh, 2014).

Segundo Acion et al. (2013), o deslocamento de um progenitor pode ser um factor de risco para consumo de bebidas alcoólicas, drogas ilegais (e.g., marijuana) e uso incorrecto de prescrição de medicamentos. Este risco pode ser mais elevado em

situações em que as crianças não têm experiências passadas de separações longas nem acesso a serviços de apoio durante o período do deslocamento (Acion et al., 2013).

Por outro lado, e segundo Mmari e colaboradores (2010), a maioria dos jovens reporta preocupação e medo de terem o pai deslocado. Estas dificuldades são ainda mais sentidas pela criança quando o progenitor com quem fica não tem uma forte rede social de apoio. Além do mais, os filhos de militares referem também os desafios que ocorrem com o regresso do pai militar, tais como perda de liberdade e imposição de novas regras (Misra & Singh, 2014), além do reajustamento necessário face ao retorno do mesmo. Contudo, sabe-se que um dos mais significantes eventos stressores de viver numa família militar – frequentes mudanças e fazer novos amigos – também torna as crianças mais maduras, adaptáveis e auto-suficientes, comparativamente às crianças de famílias não militares (Mmari et al., 2010).

Além dos factores supramencionados que podem ter influência na adaptação destes jovens (e.g., apoio maternal), o seu nível de desenvolvimento é também considerado bastante importante. De facto, e de acordo com Paley et al. (2013), a idade das crianças, bem como o seu nível de desenvolvimento, trazem implicações para a forma como estas integram e percebem o deslocamento dos seus pais militares, significando também diferentes vulnerabilidades e capacidades que afectam o modo como lidam com estes eventos. Assim, a próxima temática a ser abordada será a adolescência, por ser a principal etapa de desenvolvimento referida no presente estudo.

Filhos Adolescentes

A adolescência representa um período intenso de mudança, com alterações nos níveis físico, psicológico e social, adquirindo o adolescente cada vez mais autonomia (Papalia, Olds & Feldman, 2001). Com a entrada no período das operações formais, os jovens já conseguem pensar no real e no imaginário, pelo que a sua capacidade de raciocinar está bastante mais desenvolvida (Gleitman, Fridlun & Reisberg, 2014). Assim, e comparativamente com crianças mais pequenas, as crianças em idade escolar e os adolescentes têm possivelmente uma maior consciência do risco das missões dos seus progenitores mas também podem vir a desenvolver estratégias para lidar o melhor possível com o seu deslocamento. Além disso, podem ter uma maior rede social de suporte, nomeadamente através de pares na mesma situação (Paley et al., 2013).

Contudo, e como já foi referido anteriormente, por muito que as crianças sejam afectadas pela ausência do progenitor militar, aquele que fica em casa é essencial para minorar o impacto da reorganização familiar (Maholmes, 2012). Por outro lado, uma criança mais velha ou um adolescente pode não reagir de forma positiva ao facto do progenitor em casa dar mais atenção às necessidades do(a) irmão(irmã) mais novo(a), quando lhe é esperado que seja mais independente e cumpra mais responsabilidades durante o período do deslocamento (Payley et al., 2013).

Mmari e colaboradores (2010) desenvolveram um estudo com pais em contexto militar, jovens filhos de pais militares e com a comunidade escolar que lida com estes, através da realização de 11 *focus group*. Muitos destes adolescentes referem que uma das maiores dificuldades não está relacionada com o deslocamento em si, mas sim com o período de reajustamento com o regresso do pai militar. Os jovens tiveram várias experiências e adaptaram-se de tal modo que quando o progenitor volta da missão é-lhes mais difícil relacionar-se novamente com este/esta. Outros referiram ainda que lhes custa não ter o progenitor militar presente em eventos especiais (e.g., desporto, festas de anos, eventos da escola).

Por outro lado, e tendo em conta a sua fase de desenvolvimento, os adolescentes podem vir a ter mais dificuldades com o deslocamento e o regresso do seu progenitor do que as crianças, pois os primeiros assumem mais responsabilidades em casa e para com os irmãos durante a ausência do pai militar e, consequentemente tendem a experienciar uma maior mudança de papéis durante a missão (Chandra et al., 2010).

Segundo Misra e Singh (2014), o rápido desenvolvimento emocional e social característico desta faixa etária torna a adolescência um período crítico, sendo o deslocamento parental um evento stressor que, em conjunto com outros factores pode exceder a capacidade que o jovem tem para lidar com estas alterações. Além disso, a adolescência é uma altura de ambivalência onde a criança estabelece independência (Paley et al., 2013) e uma identidade, continuando emocionalmente dependente dos seus pais. Talvez seja confuso para os adolescentes a negociação da sua identidade na família, aquando das separações induzidas pelas missões militares do progenitor, tendo em conta que o seu *self* não está ainda formado. Isto porque por um lado existe geralmente maior liberdade, o que agrada aos jovens, e por outro lado responsabilidade, que poderá ser considerada como avassaladora e que poderá originar a desistência de certas actividades extra-curriculares. Apesar destes desafios, o progenitor que fica em

casa, o apoio dos pares, vizinhos e outros membros da família são factores protectores que ajudam a lidar com o deslocamento do pai militar (Misra & Singh, 2014).

Em suma, as crianças e jovens de famílias militares poderão estar em maior risco de desenvolverem problemas de comportamento ou emocionais (Chandra et al., 2010). Com efeito, vários estudos mostram que estes tendem a ser mais prevalentes em adolescentes com pais militares, apresentando estes jovens maior probabilidade de experienciarem tristeza ou desespero, sintomas depressivos e ideação suicida (Cederbaum et al., 2013), o que poderá reflectir-se também na diminuição do sucesso académico (e.g., Rossen & Carter, 2011).

Comunidade Escolar e as Famílias Militares

As escolas devem adequar-se aos seus alunos e à comunidade escolar envolvente, por forma a fomentarem o seu bem-estar e a prevenirem consequências negativas, tanto a nível social como emocional e psicológico (Astor et al., 2013). No caso de estudantes filhos de pais militares, tal facto é ainda mais premente, tendo em conta que estes têm maior probabilidade de revelarem problemas de comportamento, dificuldades emocionais (e.g., elevada ansiedade) e baixo rendimento escolar, que tende a ser mais marcado durante o deslocamento do progenitor (Rossen & Carter, 2011).

Num estudo qualitativo realizado recentemente através de entrevistas *focus group* (Misra & Singh, 2014), a maioria dos adolescentes filhos de militares revelam que o seu desempenho escolar é, de facto, afectado durante as ausências parentais em missões internacionais.

Por outro lado, e segundo Aronson, Caldwell e Perkins (2011), é importante ter em conta que as missões militares implicam frequentemente deslocações de residência, e estas por sua vez envolvem mudanças de escola. Estas mudanças são geralmente experienciadas como difíceis para os estudantes porque requerem alguns ajustamentos, tais como deparar-se com maiores ou menores exigências na nova escola, mudar-se para uma escola com melhores ou piores recursos, e ter de se integrar num novo ambiente cultural e escolar. Além disso, as escolas podem não ter informação adequada no que diz respeito aos estudantes realocados, pelo que podem não providenciar o apoio necessário a estes jovens alunos. (Aronson et al., 2011).

Assim, e por forma a instruir o melhor possível os estudantes filhos de pais militares, a comunidade escolar deve antecipar e compreender as necessidades dos mesmos e das suas famílias (Williams, 2013). De facto, uma comunidade escolar apoiante e compreensiva, pode tornar-se num factor protector para estes alunos, no sentido de prevenir o aparecimento de um conjunto de sintomas psicológicos, emocionais e sociais desadaptativos. Além disso, este tipo de ambiente escolar pode ainda ser um contexto de promoção do próprio desenvolvimento destes jovens e crianças, mesmo em períodos de *stress* (Astor et al., 2013).

Relativamente a crianças em idade escolar com pais militares, Rossen e Carter (2011) mencionam algumas estratégias promotoras da adaptação académica, nomeadamente: falar acerca das famílias militares e das missões; manter uma comunicação frequente com o cuidador que está em casa; e garantir a mesma rotina e estrutura (i.e., ser compreensivo e aceitar um determinado tempo de ajustamento mas ser consistente com as regras habituais). Por outro lado, Williams (2013) refere também algumas estratégias que podem contribuir para um melhor apoio a estudantes filhos de militares: providenciar ferramentas à comunidade escolar, de modo a actuarem o melhor possível face às necessidades destes alunos; garantir que a comunidade escolar está informada acerca dos alunos que são filhos de pais militares; e encorajar grupos de estudantes, por forma a promover a integração de novos alunos militares na escola.

Efectivamente, vários estudos apoiam este tipo de intervenções nas escolas, pois estas tendem a promover desempenhos positivos nestes estudantes (Astor et al., 2013; Rossen & Carter, 2011).

Programas de Apoio às Famílias Militares

Tendo em conta o que foi referido previamente, é necessário juntar esforços para apoiar estas crianças/jovens e as suas famílias, sensibilizando a comunidade escolar e os serviços primários de saúde para as necessidades desta população, providenciando as ferramentas necessárias ao trabalho com estas famílias (Marek & D’Aniello, 2014). Estas entidades podem ser importantes aquando das missões internacionais, pois as crianças estão possivelmente mais vulneráveis (Acion et al., 2013). Este apoio pode ser garantido de diversas maneiras, nomeadamente através de partilha de informação acerca dos sinais de risco nas crianças e jovens filhos de militares, em escolas, serviços de

saúde mental e na comunidade em geral, por forma a haver um encaminhamento adequado sempre que necessário (Cederbaum et al., 2013).

Além disso, existem variados programas de prevenção e intervenção destinados a estes jovens e a estas famílias, como é o caso do programa escolar *LIAISON* – criado com o intuito de reunir recursos comunitários, militares e escolares, por forma a ajudar as famílias e os alunos a adaptarem-se quando integram novas escolas e a alcançarem bons resultados académicos (Aronson et al., 2011; Aronson & Perkins, 2012) – e do programa *FOCUS* (*Families OverComing Under Stress*) que tem uma vertente para famílias militares com crianças em idade pré-escolar (designada *FOCUS- Early Childhood*), que se propõe a apoiar os pais, providenciando psicoeducação acerca do deslocamento, do processo de reintegração, e sobre estratégias parentais (Mogil et al., 2015). Efectivamente, existem nos EUA e noutros países (e.g., Espanha), programas para estas famílias (e.g., Martínez-Sánchez, 2014; Ashurst et al., 2014), alguns dos quais desenvolvidos em contexto escolar. Entre estes, destaca-se o programa *Liaison* (*School Liaison Program*, Aronson et al., 2011), que tem como principais objectivos utilizar e mobilizar recursos da comunidade para reduzir o impacto do estilo de vida dos militares sobre as crianças, implementar serviços que suprimam as suas necessidades (e.g., realocação, alcançar sucesso académico), e preparar as escolas para responderem de forma adequada às complexidades que advêm das missões militares. Um outro tipo de programa, desenvolvido em contexto escolar, consiste numa intervenção de grupo que recorre à terapia de artes expressivas (Kim, Kirchhoff & Whitsett, 2011). Esta é realizada ao longo de 8 sessões, sendo que visa principalmente aumentar a auto-expressão, aprofundar a auto-consciência dos jovens, fomentar experiências interpessoais positivas, e promover um ambiente no qual os estudantes consigam processar e integrar uma grande amplitude de emoções, ligadas ao deslocamento dos seus cuidadores.

Em Portugal, está em curso um projecto para a comunidade de famílias militares - Projecto “Eu, Tu & Nós” - que acolhe este estudo, e tem como principais objectivos compreender o impacto emocional nas famílias militares, providenciar ferramentas de suporte para lidar o melhor possível com as missões, e promover a resiliência destas famílias, desenvolvendo projectos com esse intuito (<http://www.exercito.pt/FNDAP/Paginas/Default.aspx>). Tendo em conta que em Portugal não existe qualquer investigação ou intervenção na comunidade escolar, relativamente a alunos de pais militares, a presente investigação pretende ser o primeiro

passo na inclusão do projecto “Eu, Tu & Nós” na comunidade escolar, precisamente com o intuito de desenvolver um projecto ou programa de prevenção nas escolas, providenciando à comunidade ferramentas para lidarem o melhor possível com estes jovens e famílias.

II. METODOLOGIA

Enquadramento Metodológico

O presente estudo caracteriza-se por ser exploratório, descritivo e por seguir uma abordagem qualitativa de recolha e análise dos dados. Exploratório visto que o objectivo central é gerar novas ideias teóricas ou hipóteses a partir dos dados, de forma dialéctica e indutiva, em vez de testar teorias prévias aos mesmos (já que se trata de um estudo pioneiro em Portugal); e descritivo pois os dados são não numéricos, isto é, os elementos básicos de análise são palavras e ideias (Bogdan & Biklen, 1994).

A abordagem qualitativa pretende desenvolver a teoria; preocupa-se em compreender um determinado fenómeno em profundidade, bem como as relações que estabelece com o contexto e o meio que o rodeia. Assim, o seu foco é amplo e complexo, pretendendo-se descrever, comparar, compreender e interpretar os dados obtidos.

Devido ao número baixo de participantes, os dados obtidos numa investigação qualitativa (de carácter exploratório, com uma amostra de conveniência) não podem ser generalizados. De facto, esta abordagem dá primazia à compreensão da informação mais do que à quantidade da mesma, pois o que se pretende é entender um dado fenómeno, na sua inteira complexidade.

Assim, pretende-se com esta abordagem qualitativa e pós-positivista (considerando que a realidade é subjectiva e múltipla) construir uma narrativa de análise tendo por base a perspectiva sistémica de compreensão do indivíduo de forma holística (como um todo, em conjunto com as suas relações e o meio), ideográfica (considerando as suas características únicas) e organicista (o todo é mais do que a soma das partes).

Desenho da Investigação

Questão Inicial

Tendo em conta o carácter exploratório do presente estudo, esta investigação partiu da seguinte questão inicial:

Quais os recursos ou estratégias que podem ajudar os jovens filhos de pais militares e a comunidade escolar envolvente a lidar com a participação destes pais em missões internacionais?

Objectivos

Os objectivos deste estudo, no que concerne à identificação das necessidades para o desenvolvimento do projecto “Eu, Tu & Nós na Escola”, foram os seguintes:

- (1) Compreender as dificuldades dos jovens, filhos de militares, durante o período de missão dos pais;
- (2) Compreender as dificuldades sentidas pela comunidade escolar que estabelece contacto com estes jovens;
- (3) Conhecer os recursos já existentes e identificar novas formas de apoio.

Caracterização da Amostra

A amostra desta investigação foi composta por 17 participantes portugueses (Portugal Continental e Arquipélago dos Açores), nomeadamente 9 alunos (3 do sexo feminino e 6 do sexo masculino) e 8 professores (7 do sexo feminino e 1 do sexo masculino). As idades dos alunos variaram dos 10 aos 18 anos ($M = 14,67$, $DP = 2,39$), e as dos professores dos 38 aos 58 anos ($M = 44,88$, $DP = 7,14$). Na altura da realização deste estudo, 5 dos participantes residiam no arquipélago dos Açores (alunos), e os restantes em Portugal Continental (Mafra, Sintra e Constância).

Em relação aos alunos, eram todos filhos de pais militares que tinham ido em missão internacional há pelo menos 1 ano e meio, e eram alunos do 2º ciclo ($n=1$), 3º ciclo ($n=2$) ou ensino secundário ($n=6$). Relativamente à comunidade escolar, esta era composta por professores e/ou directores de turma que lidaram com alunos com esta particularidade.

Instrumentos

a) Questionários Sociodemográficos

Realizaram-se questionários sociodemográficos tanto aos alunos como aos professores que participaram nos *focus group*, com o objectivo de recolher dados sociodemográficos e dados complementares dos participantes, relativos à situação do pai militar (no caso dos jovens). Assim, os questionários sociodemográficos aplicados aos alunos incluíram os seguintes tópicos: nome, idade, sexo, zona de residência (concelho), com quem vive, qual dos pais é militar e a duração da última missão (Apêndice A 1.); ao passo que os aplicados aos professores incluíram apenas o nome, a idade e a profissão (Apêndice A 2.).

b) Guião de Entrevista em Grupo: Focus Group

Tendo em conta o carácter exploratório do presente estudo, e o objectivo de aceder às necessidades dos alunos e da comunidade escolar, a realização de entrevistas em grupo – *focus group* – foi o método de recolha de dados qualitativos que pareceu mais adequado, nomeadamente por permitir criar linhas de comunicação entre os participantes (Morgan, 1998). Além disso, a discussão em grupo cria um processo de partilha e comparação entre os participantes, o que potencia a variedade da informação que se recolhe.

De acordo com Morgan (1998), os *focus group* são fundamentalmente uma maneira de ouvir as pessoas e de aprender com as suas experiências, em contextos pouco conhecidos. Sendo um método qualitativo, gera uma compreensão rica das vivências e crenças dos participantes (Morgan, 1998). De facto, através da participação num grupo de discussão, os participantes do mesmo podem estimular outros a comentar ou a reagir de várias maneiras, já que podem despoletar pensamentos e ideias entre eles que não emergiriam num contexto de entrevista individual (Lichtman, 2006).

A utilização de *focus group* nesta investigação permitiu compreender o tipo de interacção entre filhos de pais militares, e também entre a comunidade escolar (professores e/ou directores de turma) que lida com estes alunos. Assim, foram construídos dois guiões de focus group: um para os alunos (Apêndice B) e outro para a comunidade escolar (Apêndice C).

Procedimento de Selecção da Amostra e Recolha dos Dados

O presente estudo caracterizou-se pela selecção de uma amostra de conveniência, ou seja, seleccionaram-se os participantes de acordo com as necessidades da investigação, sendo adequada principalmente em estudos exploratórios. Assim, definiram-se de início os critérios de selecção dos alunos – (1) serem filhos de pais militares, (2) os seus pais já terem ido em missão internacional pelo menos uma vez, (3) a última missão em que seus pais participaram ter ocorrido há pelo menos um ano e meio e (4) terem mais de 10 anos; e dos professores – (1) terem tido contacto com este tipo de alunos pelo menos uma vez na sua actividade profissional.

Primeiramente, através do CPAE, estabeleceram-se contactos com escolas, professores, militares e jovens de famílias militares, solicitando a autorização aos encarregados de educação dos filhos de pais militares (Apêndice F). Posteriormente, os investigadores envolvidos estabeleceram com o grupo de entrevistados um dia e uma

hora para a realização da entrevista, bem como um local para a realização das mesmas – tendo estes sido: Agrupamento de Escolas da Ilha Terceira nos Açores (alunos), Escola das Armas em Mafra (alunos), e Escola Secundária Luís de Camões em Constância (professores). Nestas discussões de grupo estiveram presentes uma investigadora da equipa e os alunos / professores.

Realizaram-se três *focus group*: dois com os alunos e o terceiro com os professores. Antes do início de cada *focus group* eram explicitados os objectivos gerais deste estudo, bem como garantidos o anonimato e a confidencialidade dos participantes. De seguida, estes liam e assinavam o consentimento informado (Apêndices D e E), e preenchiam o questionário sociodemográfico. Imediatamente antes de começar a discussão em grupo era pedido aos professores que recordassem as situações em que tiveram alunos filhos de pais militares que tivessem ido em missão. As entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos e foram gravadas em formato áudio, sendo esta gravação autorizada antes da realização das mesmas.

Procedimento de Análise e Interpretação dos Dados

Posteriormente à realização das entrevistas foi feita a transcrição das mesmas e realizou-se a análise temática do seu conteúdo (Braun & Clarke, 2006). Esta consistiu de início na identificação de padrões nas experiências dos participantes. Estes padrões corresponderam a determinados temas e, após estarem identificados, iniciou-se o processo de codificação nas categorias escolhidas. Realizou-se para tal uma árvore de categorias, fazendo parte desta categorias superiores e inferiores (as que estão agrupadas às superiores). O processo de criação da árvore de categorias caracterizou-se por ser mutável ao longo da análise temática, pelo que se foi reconstruindo e alterando até à sua estrutura final. Esta árvore de categorias baseou-se não só nas partilhas dos participantes, como também nos fenómenos descritos na literatura. Para realizar esta análise, utilizou-se como suporte o *software* QSR Nvivo 10. Aquando da interpretação dos dados, foi garantido o anonimato dos participantes, através da atribuição de nomes fictícios.

III. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A análise temática realizada no presente estudo originou 71 categorias diferentes, organizadas de forma hierárquica (Apêndice G), isto é, com categorias superiores e com sub-categorias que se relacionam entre si. Foram definidas duas categorias principais, por serem consideradas as mais pertinentes tendo em conta os objectivos deste estudo: **impacto nos filhos** e **necessidades da comunidade escolar**. A primeira categoria está relacionada com as implicações que decorrem da participação dos progenitores numa missão militar internacional, e a forma como estas se reflectem na vida dos jovens filhos de pais militares. No geral, esta categoria abrange consequências, factores que promovem a adaptação dos filhos e sugestões que possam ajudar os jovens durante as missões internacionais dos seus pais. Nesta encontram-se referências tanto de alunos como de professores, e tal será explicitado sempre que se mencionarem referências em determinada sub-categoria. A segunda categoria principal remete para as dificuldades sentidas por parte dos professores enquanto pedagogos destes alunos, surgindo nesta apenas referências de professores.

De seguida são explicitadas todas as sub-categorias que emergiram das duas categorias supramencionadas e interpretadas de acordo com a literatura, sendo relatadas referências sempre que estas forem pertinentes. Por forma a garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes, estas referências são acompanhadas por nomes fictícios.

1. Como foi referido anteriormente, o **impacto nos filhos** diz respeito ao impacto que a missão internacional pode ter na vida dos filhos de militares. Tendo por base o estado da arte e as experiências relatadas pelos participantes, desta categoria surgiram cinco sub-categorias:

a. *Emoções associadas* (19,87% do total de referências codificadas nesta categoria) ao deslocamento e ao pós-deslocamento, duas das fases do ciclo emocional das missões internacionais. Estas categorias estão relacionadas com o impacto emocional experienciado pelos jovens nestas etapas, sendo que no deslocamento existem 16 referências nas sub-categorias ansiedade, saudade, tristeza e preocupação (com o pai ou com a mãe), e no pós-deslocamento 15 referências em quatro sub-categorias (felicidade, ansiedade, alívio e explosão de energia).

Deslocamento

Na abordagem deste tema, saudade foi a emoção mais relatada pelos participantes, seguida da preocupação (com o pai e depois com a mãe), da tristeza e da ansiedade. Das 16 referências existentes três foram feitas por professores, estando estas relacionadas com a preocupação dos jovens face à mãe (que no caso dos participantes deste estudo foi sempre o progenitor que ficou em casa), com tristeza e ansiedade. De facto, os professores referem o seu receio relativamente a estes alunos, no que concerne o impacto emocional que a ausência do pai pode trazer, relatando alguns exemplos da sua experiência profissional com alunos que tiveram dificuldades aquando da missão dos pais (apesar de não atribuírem a este facto uma causalidade linear).

No caso de um menino da minha direcção de turma, eu tenho conversado com a mãe, não sabemos se é decorrente da ausência do pai, de vez em quando, mas ele tem diversas crises de ansiedade, fortes. A última foi tão forte que a mãe teve de o vir buscar, em que ele diz que lhe dói o coração, que sente falta de ar, não consegue respirar, descontrola-se completamente.
(Professora, 43 anos)

Apesar de este caso demonstrar reacções comportamentais e fisiológicas intensas, e de no geral não servir de exemplo para os restantes casos mencionados pelos professores (que foram de melhor ou pior adaptação dos alunos, mas sem sintomas psicopatológicos associados), importa salientar a possibilidade de tais situações ocorrerem, sendo este facto referido por vários autores (e.g., Cederbaum et al., 2013; Chandra et al., 2010; Morris & Age, 2009).

Por outro lado, no que diz respeito à preocupação destes jovens para com os seus pais, é relevante referir a distinção existente entre a preocupação para com a mãe ou o pai, tendo em conta que são preocupações diferentes.

Eu penso muito no que pode acontecer quando ele está lá, e como é que ele está. (Inês, 15 anos, pai militar com 3 missões)

“Ah, temos de ajudar a minha mãe pronto, olha o meu pai está lá, vemo-nos todos os dias no skype”. Para ela era perfeitamente normal, a preocupação das miúdas não era o pai, a preocupação das miúdas era de facto que a mãe

se ocupasse, que estivesse bem. A preocupação era mesmo a mãe, era muito giro porque eu perguntava pela mãe e ela dizia “ah, pois, temos de a distrair um bocadinho!”. (Professora, 39 anos)

Efectivamente, quando os jovens relatam a preocupação que sentem com a figura parental destacada, é uma preocupação relacionada com a incerteza do seu bem-estar (Mmari et al., 2009, 2010) e segurança, enquanto com a mãe é uma preocupação em ajudá-la e apoiá-la.

Pós-Deslocamento

Nesta categoria, que diz respeito às emoções associadas à etapa do pós-deslocamento (que inclui referências apenas de alunos), a sub-categoria mais referenciada foi a felicidade face ao regresso do pai, seguida da ansiedade e explosão de energia, e por fim, o sentimento de alívio. Muitas destas emoções estão também relacionadas, especificamente, com a etapa do re-deslocamento e com o estágio da *antecipação da chegada*, que sugerem efectivamente uma excitação e explosão de energia face à expectativa do regresso do militar a casa (Morse, 2006; Pincus et al., 2001; Van Breda, 1996).

Muito energética e feliz. (Catarina, 15 anos, pai militar com 3 missões)

Eu, por exemplo, quando sei que o pai chegava, começo quase a contar as horas e fico ansiosa por ele chegar. (Maria, 13 anos, pai militar com 2 missões)

b. *Alterações* (19,23% do total de referências) sentidas pelos jovens, que ocorrem com o deslocamento dos pais militares, não só em contexto familiar – em casa (18 referências), como também na escola (2 referências). Além destes, e tendo em conta a experiência relatada pelos participantes, há ainda outra sub-categoria, que inclui referências relativamente à ausência de diferenças marcantes com o deslocamento dos pais: inexistentes (12 referências).

Em geral, estas alterações podem estar relacionadas com modificações comportamentais (e.g., maior isolamento, desistência de actividades do seu interesse), emocionais (e.g., irritabilidade, ansiedade, tristeza), ou funcionais / instrumentais (e.g.,

nas rotinas familiares). Nas três sub-categorias relativas às alterações existem referências tanto por parte dos professores como dos alunos, excepto nas alterações escolares, em que só os professores as mencionaram.

Inexistentes

A maioria dos participantes, tanto alunos como professores, referiram a determinada altura da entrevista, ausência de alterações com a participação dos militares em missões internacionais. Por um lado, os jovens mencionaram não ter sentido alterações significativas, principalmente a nível escolar, enquanto os professores indicaram não ter presenciado mudanças comportamentais na maioria dos seus alunos. De facto, existem na investigação resultados em direcções opostas (i.e., vários estudos sugerem que não há diferenças pertinentes entre os jovens filhos de militares e os da população civil), apesar de serem cada vez mais numerosos os estudos que indicam que adolescentes de famílias militares tendem a ter mais desafios e a experienciar as suas vivências de forma mais negativa – psicológica, social e emocionalmente (e.g., Payley et al., 2013; Williams, 2013).

Efectivamente, como veremos de seguida, foram referidas alterações por parte dos jovens, relativamente ao contexto familiar, e pelos professores, em relação ao contexto escolar.

Em casa

No que toca às alterações em casa, os jovens mencionaram mudanças nas rotinas familiares, nomeadamente falta de ajuda para realizar os trabalhos de casa, mais tarefas para realizarem e concomitantemente uma maior liberdade associada à crescente responsabilidade. Ainda, no que concerne às modificações em casa e entre os membros familiares, há que considerar também o apoio mútuo descrito pelos adolescentes.

Relativamente à alteração na rotina diária, estes jovens referiram-na de modo geral, como sendo a falta de ajuda na elaboração dos seus trabalhos escolares, ou ainda o facto de deixarem de ter o transporte até à escola assegurado, através de automóvel, pois era o pai que assegurava estas tarefas. Realmente, toda a família precisa de estabelecer novas rotinas e apoiarem-se mutuamente, por forma a gerir as responsabilidades da casa e as actividades das crianças e jovens (Padden & Agazio, 2013; Rossen & Carter, 2011).

Outro efeito da ausência parental devido à participação na missão é o aumento da liberdade, descrito pelos jovens com bastante satisfação. De facto, referiram ser mais

fácil terem aprovação e autorização para as suas actividades no grupo de pares durante o deslocamento dos seus pais. Por outro lado, indicaram também um aumento de responsabilidades, por terem de realizar mais tarefas (principalmente as que o pai fazia), quer sejam relativas à casa ou ao cuidar de irmãos mais novos.

O que eu sinto é que passo a ser o homem da casa. A minha mãe pede mais ajuda, também repara que ela se esforça mais, por exemplo para ir buscar à escola ou fazer certas tarefas diárias e nós tentamos ajudá-la ao máximo.
(Joana, 18 anos, pai militar com 3 missões)

Nós fazemos as tarefas que o meu pai faz, temos que passar a ser nós todos a fazê-las, por exemplo cortar a relva e essas tarefas mais duras nós passamos a fazê-las, é mais difícil quando ele não está cá. (Maria, 13 anos, pai militar com 2 missões)

Efectivamente, tais factos estão de acordo com vários estudos, que indicam que durante a missão dos pais é frequente os filhos mais velhos (quando existe uma fratria) darem mais apoio ao progenitor que ficou em casa, adquirindo por um lado mais responsabilidade e por outro uma maior liberdade (e.g., Misra & Singh, 2014). Esta difusão de papéis pode tornar-se negativa para os jovens, na medida em que possivelmente abdicam de certas actividades com o grupo de pares (Payley et al., 2013).

Além disso, o apoio providenciado à mãe, ou ao progenitor que fica em casa, é bastante importante para os jovens, pois por um lado sentem-se úteis ao ajudarem e colaborarem nas tarefas e no que for necessário, e por outro lado sabem que estão a contribuir para o bem-estar e uma adaptação positiva da mãe relativamente ao deslocamento parental. Consequentemente, torna-se mais fácil a mãe conseguir apoiar os seus filhos, promovendo um desenvolvimento saudável e minorando a possibilidade destes jovens desenvolverem problemas emocionais ou de comportamento. Portanto, este apoio mútuo entre os jovens e o cuidador que fica ao seu encargo parece ser bastante importante.

Sim acho que temos de nos apoiar uns aos outros porque é sempre difícil (...) acho importante sentirmo-nos úteis, quando o pai esta fora, sentir que fizemos bem, ajudamos... (Joana, 18 anos, pai militar com 3 missões)

Na escola

Relativamente às alterações sentidas pelos professores, no que diz respeito ao comportamento dos seus alunos, salienta-se o isolamento e a diminuição do rendimento escolar como duas consequências do deslocamento dos pais em missão. De facto, os professores referiram ter experienciado situações em que os seus alunos sofreram alterações comportamentais notórias, o que também alarmava os familiares.

Tive outra situação bastante complicada em que a miúda se fechou bastante e que tornou-se muito pouco comunicativa e a mãe em casa achava que ela estava mais fechada. (Professor, 52 anos)

Efectivamente, estudos realizados com esta população mostram que, mesmo depois do primeiro mês do deslocamento os adolescentes continuam a ter sentimentos de tristeza, ansiedade e tendência a isolar-se (Rossen & Carter, 2011; Williams, 2013).

c. *Fontes de suporte* (9,61% do total de referências codificadas) é uma sub-categoria que envolve a rede de suporte referida pelos participantes como fundamental. Estes mencionaram o apoio dos pares (8 referências), da mãe (5 referências), da família em geral (2 referências) e dos professores (1 referência) como fontes de tranquilização face à missão dos pais. Nestas categorias existem maioritariamente referências por parte dos alunos, sendo que apenas relativamente ao apoio materno se encontram também referências dos professores.

Mãe

Os jovens referiram o apoio materno como essencial e diferente de todos os outros, talvez pelo facto de a mãe representar uma base segura e manter a família unida, como é mencionado pelos professores. Estes ainda relacionam o suporte proveniente da mãe como fundamental para o bem-estar psicológico e sucesso académico destes jovens.

É sempre a minha mãe... Ela sossega-nos mais, não sei explicar bem. (Maria, 13 anos, pai militar com 2 missões)

Efectivamente, apesar das dificuldades associadas ao impacto que as missões têm nos jovens filhos de militares, o apoio maternal tem sido um dos factores descritos como preponderantes no processo de adaptação a esta realidade, podendo prevenir inclusive problemas emocionais ou de comportamento (Maholmes, 2012; Morris & Age, 2009). Da mesma forma, tal sintomatologia tem maior probabilidade de se desenvolver caso a saúde emocional da mãe esteja fragilizada (Chandra et al., 2010), estando a qualidade deste cuidado materno também relacionada com as competências sociais dos jovens (Misra & Singh, 2014).

Pares

Por outro lado, os adolescentes referiram também como importante o suporte proveniente dos seus pares, por sentirem que são os que melhor os compreendem. Assim, indicaram que recorrem maioritariamente ao seu apoio, por ser aquele que mais valorizam.

Eu acho que se falarmos com alguém vai ser mesmo com os nossos amigos. Eles é que nos vão dar aquele apoio e aquela ajuda: “isso não é nada, isso passa rápido”. (Carlota, 17 anos, pai militar com 1 missão)

Realmente, uma das características desta faixa etária é o envolvimento com o grupo de pares, sendo este extremamente importante para o desenvolvimento normativo dos jovens (Sprinthall & Collins, 2003). De facto, o envolvimento com os pares traz um contributo positivo para os adolescentes, sendo uma fonte fundamental de apoio emocional (Papalia et al., 2001).

Professores

No que concerne o apoio por parte dos professores, os estudantes revelaram que é difícil poder contar com este, nas situações em geral que acontecem. Apesar de alguns professores provavelmente se mostrarem sensíveis às situações dos seus alunos, torna-se complicado estes recorrerem à sua ajuda quando ocorrem constantes mudanças do quadro docente das escolas. Esta circunstância vigente no panorama educacional pode originar alterações frequentes dos directores de turma, além dos professores das disciplinas leccionadas. Assim, sem existir uma relação previamente estabelecida, os

estudantes referiram ser pouco provável recorrer aos seus professores ou directores de turma como uma fonte de suporte. Este facto acaba também por estar relacionado com a crescente necessidade de envolvimento no grupo de pares, como foi referido previamente.

Além disso, estes jovens revelaram que nem os professores nem os directores de turma tinham tido conhecimento das missões dos seus pais, e que isso também dificultaria a partilha dessa situação familiar. No entanto, acabam por mencionar o apoio dos professores como importante, caso já conheçam o professor em questão e precisem do apoio de um adulto fora do núcleo familiar. Realmente, na literatura destaca-se bastante o papel que a comunidade escolar (e.g., professores) pode vir a ter na estabilidade emocional e académica destes estudantes filhos de pais militares (Astor et al., 2013).

d. *Factores promotores de adaptação* (34,62% do total de referências)

Esta categoria envolve factores que, de acordo com as experiências e partilhas dos participantes, facilitam a adaptação dos jovens filhos de pais militares.

Habituação e Preparação

A habituação, referida tanto por alunos como por professores (11 referências), diz respeito ao facto dos alunos já terem experienciado várias participações dos pais em missões internacionais, o que faz com que se sintam acostumados a este tipo de situações. Quer os jovens quer os professores entrevistados referiram a habituação como um factor promotor de uma adaptação positiva ao deslocamento dos pais.

Passa-me rápido o pensamento, já estou habituada. (Margarida, 16 anos, pai militar com 2 missões)

Falou-me bastante satisfeita o facto de o pai ir em missão porque era hábito mesmo, já não era a primeira então já era rotineiro. (Professor, 52 anos)

Contudo, de cada vez que o progenitor militar vai em missão, a flexibilidade familiar é testada, pois ocorrem alterações tanto na organização como na estrutura deste sistema (Riggs & Riggs, 2011).

A preparação está relacionada com o envolvimento parental desde a altura em que sabem que o pai militar irá participar numa missão internacional. Mais concretamente tem a ver com a forma como os pais lidam e partilham esta notícia com os filhos, isto é, se preparam os filhos atempadamente e logo que têm conhecimento da existência da missão, ou se por outro lado escondem esta informação, deixando-os assimilar a situação apenas aquando da partida dos pais ou até quando estes já partiram.

Nesta sub-categoria apenas houve referências por parte dos professores (6 referências), tendo estes mencionado a importância que o tipo de preparação pode ter nos jovens, relativamente ao impacto causado pelas missões.

Há aqui um ponto muito importante que é o facto dos pais se preocuparem com a preparação da ida para a missão ou não. (...) essa preocupação que os pais têm em dizer ou não acho que influencia muito a forma como vai correr a missão...é preciso um envolvimento muito grande e uma preparação muito grande dos miúdos que às vezes não há...a forma como as famílias lidam tem muita importância depois na forma como eles vão reagir ao facto dos pais estarem fora ou não (...) realmente há famílias que não fazem esse tipo de preparação e acham que é melhor os filhos saberem em cima da hora que os pais se vão embora. (Professora, 43 anos)

Talvez o facto de já estarem habituados à situação faça com que se sintam mais preparados para lidar com a mesma. De facto, apesar de serem sempre missões diferentes, em locais e com durações distintas, o impacto pode não ser tão grande pois os jovens já tiveram experiências passadas; já conhecem os procedimentos militares e as etapas do ciclo emocional, o que pode ser promotor de uma adaptação positiva a novas missões.

Relação Parental e Temperamento / Personalidade

Estes dois factores estão relacionados, respectivamente, com o tipo de relação estabelecida entre os filhos e o progenitor deslocado, e com o temperamento do adolescente. O tipo de relação que existe com o progenitor deslocado pode influenciar a adaptação do jovem à sua ausência. Nesta sub-categoria existem referências tanto dos professores como dos alunos (num total de 5 referências).

E da relação parental que se estabelece, porque uma relação parental em que à partida há partilha e os miúdos sabem que o pai é militar, pode ir em missão, desde pequenos vão convivendo com essa ideia. (Professora, 43 anos)

Acho que isso depois vai dependendo do tipo de pai e do tipo de filho e do tipo de relação entre eles. (Carlota, 17 anos, pai militar com 1 missão)

Efectivamente, a reacção dos jovens ao deslocamento dos seus pais pode depender, em parte, do tipo de vinculação estabelecida com ambos os progenitores (não só o militar mas também o que fica em casa) e as diferenças individuais dos adolescentes (Riggs & Riggs, 2011).

O temperamento / personalidade do adolescente diz respeito, como o próprio nome indica, às idiossincrasias de cada jovem, pois as suas características pessoais (tendo em conta que ainda não têm a sua personalidade completamente formada) certamente influenciam a forma como lidam com a ausência dos pais deslocados.

Ao que me parece o pai também costuma ir em algumas missões, mas o Paulo é um miúdo tão extrovertido, eu acho que nunca ninguém notou qualquer destabilização decorrente por exemplo de uma situação desta natureza. De facto depende muito do miúdo. (Professora, 49 anos)

Comunicação

Esta categoria alberga duas sub-categorias: comunicação no geral (não sabemos como esta ocorria, se por telefone ou outro tipo de telecomunicações) e aquela efectuada através das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), tendo um total de 11 referências (apenas por parte dos alunos).

A comunicação aparece como um factor de adaptação na medida em que ajuda a “matar” as saudades dos pais. Os participantes referiram a comunicação como benéfica para tranquilizarem a sua preocupação e saberem novidades dos pais. Efectivamente, os estudos revelam que manter a comunicação e confirmar que todos estão bem durante o período do deslocamento revela ser importante não só para os membros da família mas também para o militar (Bóia, Marques, Francisco, Ribeiro & Santos, 2015; Padden & Agazio, 2013). Para isso mencionaram várias vezes as TIC, afirmando recorrer à *Internet* e especificamente ao *skype* para comunicarem com o progenitor deslocado.

Na última vez que ele foi nós falávamos por skype e por exemplo, íamos jantar e metíamos o pc em cima da mesa e jantávamos como se estivéssemos com ele. (Maria, 13 anos, pai militar com 2 missões)

Pelo contrário, os jovens deste estudo mencionaram também que por vezes ajuda não falarem com os seus pais, porque acabam por se distrair e por se lembrar menos da ausência destes.

Distracção, Actividades Curriculares e Actividades Extra-curriculares

Estas três categorias estão relacionadas com actividades que sirvam de distracção (9 referências) aos adolescentes, pois estes referiram-nas várias vezes como sendo importantes, tal como estar com o grupo de pares, ou o simples facto de estar na escola e nas aulas (onde estão focados nas actividades curriculares – 5 referências). Além disso, referiram também o desporto (e.g., karaté, natação, jogos electrónicos – *e-sports*), a dança e actividades extra-curriculares no geral (8 referências) como importantes fontes de distracção. Estas categorias têm apenas referências por parte dos alunos, exceptuando as actividades extra-curriculares, que têm referências de ambos os grupos de participantes (alunos e professores).

Sim, acho que sim porque lá está, distraímos-nos, estamos ocupados com outras coisas. Concentramo-nos nas nossas coisas e isso ajuda afastar a mente das saudades e do pai. (Joana, 18 anos, pai militar com 3 missões)

Eu pratico ballet e isso também ajuda. (Catarina, 15 anos, pai militar com 3 missões)

e. O que pode ajudar (25% do total de referências codificadas)

Esta categoria está relacionada com pequenas actividades ou tipos de apoio que foram sugeridas pela entrevistadora como podendo ajudar os adolescentes e a comunidade escolar a lidarem com as missões. Estas sugestões (apenas apresentadas aos jovens, e não aos professores) tinham como objectivo explorar o tipo de ajuda / apoio que pudesse vir a ser mais importante e útil durante as várias etapas da participação dos pais nas missões internacionais.

Actividades

Esta é uma sugestão considerada importante tendo em conta os vários estudos que existem acerca do desenvolvimento de intervenções preventivas com famílias militares, dado que frequentemente envolvem diversos tipos de actividades (e.g., Aronson et al., 2011; Kim et al., 2011; Mmari et al., 2010). Nesta categoria, tendo em conta as sugestões dadas pela entrevistadora, existem actividades em família, que têm a ver precisamente com actividades realizadas em conjunto, por todos os membros da família nuclear, e actividades no geral (e.g., desporto, saídas com o grupo de pares), sendo esta última sub-categoria mais ampla que a anterior, existindo um total de oito referências.

No geral, e como já foi mencionado, actividades que sejam prazerosas para os alunos podem servir como factores distractores, podendo minorar sintomas como ansiedade e tristeza, que possam sentir face às saudades e à ausência do progenitor deslocado. Além disso, podem promover a união dos membros familiares, o que pode ser bastante benéfico para a adaptação dos jovens ao deslocamento dos seus pais.

De confiança e assim, acho que isso ia ser giro. Então porque... para saber que eles estão ali mas que não vão estar mas que ao mesmo tempo estão, qualquer coisa assim. (Catarina, 15 anos, pai militar com 3 missões)

Conforme ia sendo requerida a opinião dos jovens, estes por vezes diziam que concordavam ou que consideravam pertinente determinado apoio ou sugestão, ou pelo contrário, referiam que achavam o mesmo desnecessário. Assim, todas as sub-categorias mencionadas de seguida estão divididas dessa forma: “concordo” e “não concordo”.

Na maioria das vezes em que os jovens argumentaram que não concordavam com determinado apoio era por não o considerarem necessário. No entanto, afirmaram que as mesmas actividades talvez pudessem ser úteis em alturas mais difíceis ou para colegas que não se adaptassem de forma positiva à ausência dos pais.

Apoio Psicológico

O facto de existir nas escolas apoio psicológico (7 referências, das quais 4 foram “concordo” e 3 “não concordo”), pode igualmente ser um contributo importante para estes jovens. De facto, o psicólogo educacional pode ser bastante útil para estes alunos, não só para aconselhamento e reencaminhamento caso seja necessário, como também

para auxiliar no desenvolvimento de estratégias que permitam aos estudantes, filhos de pais militares, manter o seu rendimento académico (Rossen & Carter, 2011).

Director de Turma ter conhecimento da missão

Esta sugestão consiste em manter o director de turma informado (10 referências, das quais 9 foram “concordo” e 1 “não concordo”) acerca das missões dos pais dos seus alunos, sendo que depois poderia partilhar com os restantes professores essa informação. O fundamental seria os professores estarem conscientes das necessidades dos seus alunos, sendo para tal necessário que saibam quais são filhos de pais militares e quais estão destacados para missões internacionais. Assim, seria essencial a família comunicar com o director de turma estas situações. Contudo, pelo que os estudantes revelaram, esta partilha não existe, pelo que os seus professores nunca souberam das missões dos seus pais. Por isso, inicialmente os jovens não consideraram necessário o director de turma ter esta informação mas alguns mudaram a sua opinião, talvez por se terem apercebido da diferença que poderia significar na altura das missões.

Então talvez a ideia do nosso director de turma saber, ter conhecimento e de alguma forma tentar ajudar. (Carlota, 17 anos, pai militar com 1 missão)

Efectivamente, e apesar de alguns estudantes poderem sentir-se constrangidos (por serem diferentes dos outros e poderem ter mais atenção por parte dos professores), outros pensam que seria confortante saberem que os professores têm conhecimento do deslocamento dos seus pais (Mmari et al., 2009).

Fórum

Ter um fórum (8 referências, das quais 5 foram “concordo” e 3 “não concordo”) de partilha pode dar a possibilidade dos jovens conhecerem outros na mesma situação, e o facto de ser através da *Internet* pode fazer com que fiquem mais confortáveis para comunicar, sentindo que não são os únicos a passar pelo deslocamento dos pais. Realmente, os estudantes deste estudo não sabiam que tinham colegas também filhos de pais militares na mesma escola, antes da realização do *focus group*. Em relação à partilha através de um fórum *on-line*, mostraram-se interessados e entusiasmados, por não terem de comunicar e de se expor pessoalmente.

Sim até para os outros que por exemplo é uma situação nova, conseguirem perceber o que vai acontecer, como é que vai acontecer e assim... (Joana, 18 anos, pai militar com 3 missões)

É diferente porque online as pessoas expressam-se melhor, digo eu, em vez de estarmos a falar estão a escrever, é mais fácil escrever, estão no conforto das suas casas e não têm assim os olhares (Carlota, 17 anos, pai militar com 1 missão)

Reuniões com pares na mesma situação

Esta sub-categoria diz respeito à existência de reuniões com colegas também filhos de pais militares (9 referências, das quais 7 foram “concordo” e 2 “não concordo”). Alguns adolescentes mencionaram alguma curiosidade face a esta alternativa, por considerarem interessante conhecer pares na mesma situação, com perspectivas diferentes.

Acho que isso era engraçado podíamos conhecer outros que estão a passar pelo mesmo que nós e ver como outras pessoas reagem às mesmas coisas, eu acho que isso é principalmente a piada da coisa. (Carlota, 17 anos, pai militar com 1 missão)

O facto de poderem ter o apoio de um grupo de pares na mesma situação pode efectivamente ser importante, na medida em que pode originar um sentimento de pertença e compreensão, que não existe com outros alunos ou professores (Williams, 2013).

2. Relativamente às **necessidades da comunidade escolar**, importa referir que as sub-categorias emergentes surgem apenas da experiência relatada pelos professores durante a entrevista. Desta categoria surgiram duas sub-categorias: *articulação com a família* (44,4% de referências) e *articulação com o CPAE* (55,6%). Ambas emergiram tendo em conta a experiência dos professores, por forma a compreender as suas principais dificuldades e premências face a este tipo de alunos. Assim, a articulação

com as famílias militares e com o CPAE mostrou ter grande relevância para estes professores, tendo estes referido a importância do diálogo entre estas três grandes “instituições”: a escola, o CPAE e as famílias.

a) *Articulação com a família* é uma sub-categoria que diz respeito à facilidade das famílias militares no geral em comunicarem com a escola (e.g., acerca da profissão do pai militar e daquilo que esta implica; acerca da ocorrência de missões). Desta emergiram ainda duas temáticas distintas, ainda que relacionadas: pais informarem das missões (3 referências) e abertura para falarem do assunto (1 referência). Neste âmbito, os professores revelaram uma grande dificuldade nesta partilha por parte da maioria dos pais, no que toca a assuntos relacionados com as missões internacionais. Alguns acrescentaram ainda que o facto de os pais informarem a escola (principalmente o director de turma) da ocorrência de missões poderá ter uma influência preponderante, não só no tipo de intervenção que podem vir a ter junto destes alunos, como também no desempenho académico destes.

De facto o pai veio à escola e disse-se que ia estar fora, nem disse que era uma missão, disse só que ia estar fora. Eu depois é que fui ver que ele era militar e imaginei que fosse uma missão, e de facto aquilo que eu notei no Afonso foi que ao longo do ano ele (...) perdeu algum rendimento escolar. Foi um miúdo que se fechou muito mais do que aquilo que era (...) e de facto o Afonso que era um aluno de 4 e 5 chegou a ter negativa a Matemática por exemplo. (Professora, 39 anos)

Efectivamente, as lacunas por vezes existentes no apoio escolar, juntamente com possíveis dificuldades na adaptação à ausência parental podem contribuir para a ocorrência de perturbações no desempenho académico (Chandra et al., 2010). Muitos jovens filhos de militares não só têm de lidar com o deslocamento dos seus pais, como também se vêem obrigados a deslocar para outras localidades do país e consequentemente outras escolas. Deste modo, estes adolescentes podem ter dificuldade no estabelecimento de relações com os seus pares, quando existe uma insensibilidade destes e dos professores para a vida e cultura das famílias militares, e consequentemente uma carência no apoio escolar (Astor et al., 2013).

Contudo, não pode deixar de ser mencionado que os professores não são, na esmagadora maioria dos casos, informados acerca da afiliação dos seus alunos

(Bradshaw et al., 2010), o que complica bastante o processo de identificação das necessidades destes estudantes (Williams, 2013).

Em suma, os estudos supramencionados sugerem que a ausência de conhecimento (i.e., o facto de desconhecerem a existência de missões e das suas implicações na vida familiar e escolar), sensibilidade, e apoio pela comunidade escolar e pares possivelmente contribui para a vulnerabilidade psicológica de estudantes filhos de militares (Astor et al., 2013).

b) *Articulação com o CPAE*: esta ligação aparece como uma necessidade da comunidade escolar na medida em que os professores sentem uma falta de apoio relativamente a esta temática, por parte dos psicólogos do CPAE. Efectivamente, referiram estar atentos e sensibilizados com a especificidade dos alunos filhos de militares, e por isso gostariam de estar mais informados, não só em relação à existência de missões (1 referência) como também a pistas para os professores agirem (5 referências). Por outro lado, mencionam o apoio psicológico nas escolas (2 referências), por parte do CPAE (em parceria com a escola), como fundamental, ao invés de recorrerem ao psicólogo educacional. De facto, os professores revelam sentir mais confiança nos profissionais do Exército, devido à experiência e conhecimento aprofundado que estes têm na área das famílias militares.

Haver essa preocupação dos serviços de psicologia do exército (...) que nos ajudassem a nós a perceber o que é que se passa ao longo das fases (...) ou até se calhar não encaminhar aqui para o serviço de psicologia, contactarmos directamente com os serviços de psicologia do exército para eles também fazerem um acompanhamento dos miúdos porque se calhar eles lá estarão muito mais bem preparados para lidar com determinadas situações do que nós (...) se calhar nós aqui e até a psicóloga da escola não está tão preparada na escola para lidar com elas do que os serviços de psicologia do exército. (Professora, 43 anos)

E não se perdia de virem os técnicos à escola para conversar connosco ou alertar para, deixar indicações para algumas situações que nós nos apercebêssemos de que forma é que poderíamos encaminhá-los. (...) Se calhar se houvesse essa flexibilização e se o técnico se pudesse deslocar ou se existisse aqui em St^a. Margarida (Professora, 40 anos)

Tendo em conta estudos efectuados com esta população, é evidente o suporte que as escolas podem dar a alunos filhos de militares (e.g., Acion et al., 2013; Astor et al., 2013; Rossen & Carter, 2011). No entanto, a comunidade escolar muitas vezes encontra dificuldades na forma como deve transmitir este apoio (Williams, 2013), podendo experienciar um sentimento de incerteza relativamente à postura a adquirir perante estudantes com estas características (Bradshaw et al., 2010). Por outro lado, é ainda importante referir o facto da comunidade escolar no geral e até a maioria dos pais percepcionar a formação dos psicólogos escolares como fulcral, para lidar com estes estudantes o melhor possível, principalmente durante a etapa do deslocamento (Mmari et al., 2009), o que é congruente com as referências dos professores que participaram neste estudo. Um outro facto que vai ao encontro da partilha dos professores é a necessidade de melhorar a comunicação entre a escola e a base militar, sendo também mencionado na literatura (Mmari et al., 2010).

CONCLUSÃO

De modo a perceber o impacto das missões nos adolescentes filhos de militares, os objectivos definidos para esta investigação foram os seguintes: (1) compreender as dificuldades dos jovens, filhos de militares, durante o período de missão dos pais; (2) compreender as dificuldades sentidas pela comunidade escolar que estabelece contacto com estes jovens; e (3) conhecer os recursos já existentes e identificar novas formas de apoio.

Relativamente às dificuldades sentidas pelos jovens aquando do deslocamento dos pais, devem-se salientar algumas alterações, tais como a mudança nas rotinas familiares, o aumento da responsabilidade, da liberdade, e da realização de tarefas domésticas, sendo estas congruentes com a literatura (e.g., Misra & Singh, 2014).

Quanto às dificuldades sentidas pela comunidade escolar, realça-se a importância dada à articulação entre a escola, o CPAE e os pais destes alunos, para que haja partilha de informação, não só em relação à existência de missões (por parte dos pais), mas também no que concerne a pistas para lidar com estes alunos (por parte do CPAE).

Por fim, e em relação aos recursos já existentes, mostraram ser fundamentais os seguintes factores: o apoio dos pares e da mãe; a comunicação existente com o progenitor deslocado; e tarefas distractoras (e.g., actividades curriculares e extra-curriculares).

Limitações e Implicações para a Investigação

Neste estudo surgiram algumas limitações que são pertinentes de explorar. Primeiramente é importante referir a reduzida dimensão da amostra, nos dois tipos de participantes: alunos (n=9) e professores (n=8). De facto, e apesar de ser um estudo exploratório (i.e., interessa compreender a informação recolhida ao invés da quantidade da mesma), tal poderá inviabilizar a amplitude dos resultados obtidos.

Por outro lado, não foi considerado o sexo dos jovens na altura da selecção da amostra, o que impediu que se retirassem conclusões a esse respeito, já que os participantes eram maioritariamente do sexo feminino. Tal poderia ter sido útil, pois existem vários estudos que referem que as diferenças de género podem estar associadas ao modo como os adolescentes reagem às missões internacionais (e.g., Morris & Age, 2009; Payley et al., 2013).

Outra limitação deste estudo diz respeito ao facto de apenas existirem dois tipos de informadores: professores e alunos. Realmente, e tendo por base uma perspectiva sistémica de intervenção, teria certamente sido mais enriquecedor recolher as experiências de outros sub-sistemas familiares, nomeadamente o co-parental, com o intuito de compreender o ponto de vista dos pais relativamente à adaptação dos seus filhos durante a missão do cônjuge militar e o tipo de dificuldades que sentem na relação com estes. Além disso, seria também interessante incluir diferentes membros da comunidade escolar, tais como o psicólogo educacional, com o objectivo de recolher informação relativa à sua experiência com estes jovens e perceber até que ponto este sente que corresponde às necessidades dos mesmos.

O facto deste estudo apenas retratar um dos ramos das Forças Armadas Portuguesas (Exército) também constitui uma limitação, na medida em que unicamente reporta as experiências de filhos de militares deste ramo. Investigações futuras deverão ser realizadas com participantes das três instituições: Marinha, Força Aérea e Exército, com o objectivo de comparar os dados entre si, de averiguar possíveis diferenças entre a adaptação dos jovens e famílias, e identificar novas formas de apoio escolar, que poderiam ser transversais a estas três instituições.

Apesar das limitações supramencionadas, é possível retirar do presente estudo pistas para futuras investigações, especificamente no que diz respeito ao bem-estar dos adolescentes filhos de militares. Tendo em conta os resultados obtidos, parece ser pertinente continuar a investigar na área das famílias militares, mais concretamente o papel que a comunidade escolar pode ter no ajustamento destes estudantes às missões internacionais dos seus pais militares. Poderia ser útil desenvolver um estudo longitudinal, que permitisse avaliar a adaptação dos diferentes sub-sistemas familiares ao longo das etapas do ciclo emocional, e desenvolvesse projectos ou programas de intervenção preventiva. De facto, é importante continuar a averiguar novas formas de apoio a esta população, podendo retomar as que foram sugeridas neste estudo. Para tal, é necessário continuar a realizar investigações, mas também desenvolver projectos ou programas no âmbito da promoção de uma adaptação positiva aos deslocamentos militares, cuja eficácia possa ser avaliada.

Em suma, torna-se premente prosseguir com estudos em Portugal sobre as famílias militares nas escolas, tendo como base uma perspectiva integrativa e holística, e uma abordagem longitudinal orientada para a aplicação prática dos seus resultados.

Implicações Práticas

Relativamente a implicações práticas, os dados obtidos no presente estudo servem como indicadores da necessidade do desenvolvimento de intervenções preventivas, nomeadamente através da realização de projectos nas escolas. Existem já programas desenvolvidos nos EUA e noutros países (e.g., Espanha) que podem ser adaptados à realidade portuguesa, ou caso não seja possível, podem construir-se de origem. De facto, salientam-se dois tipos de projectos que talvez fossem úteis para os estudantes filhos de militares: reunião com pares na mesma situação e formação de uma equipa de psicólogos especialistas nesta área, nas zonas de maior afluência de alunos filhos de militares (e.g, Constância).

Além disso, parece ser bastante importante o director de turma ter conhecimento das missões dos seus alunos, pelo que um ponto de partida talvez possa ser a promoção da cooperação entre a escola e os pais. Por outro lado, parece ser igualmente necessário fomentar um maior apoio por parte do CPAE às escolas com maior afluência de alunos filhos de militares, com o intuito de apoiar a comunidade escolar, nomeadamente através da partilha de informação técnica (e.g., das fases do ciclo emocional das missões e de factores de risco de desenvolvimento de psicopatologia).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acion, L., Ramirez, M. R., Jorge, R. E. & Arndt, S. (2013). Increased risk of alcohol and drug use among children from deployed military families. *Addiction*, 108, 1418-1425
- Alarcão, M. (2000). *(des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Aronson, K. R., Caldwell, L. L. & Perkins, D. F. (2011). Assisting Children and Families with Military-Related Disruptions: the United-States Marine Corps School Liaison Program. *Psychology in the Schools*, 48(10), 998-1015.
- Aronson, K. R. & Perkins, D. F. (2012). Challenges Faced by Military Families: Perception of United States Marine Corps School Liaisons. *Journal of Child and Family Studies*, 22, 516-525.
- Ashurst, K. L., Smith, L. W., Little, C. A., Frey, L. M., Werner-Wilson, T. A., Stephenson, L. & Werner-Wilson, R. J. (2014). Perceived Outcomes of Military – Extension Adventure Camps for Military Personnel and Their Teenage Children. *The American Journal of Family Therapy*, 42(2), 175-189.
- Astor, R. A., De Pedro, K. T., Gilreath, T. D., Esqueda, M. C. & Benbenishty, R. (2013). The Promotional Role of School and Community Contexts for Military Students. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 16, 233-244.
- Baltazar, M. S. & Salvador, R. (2012, Junho). Impactos da profissão militar nos padrões familiares: Reconfigurações a partir do caso particular do comando de instrução e doutrina. Comunicação Oral apresentada no VII Congresso Português de Sociologia, Porto.
- Barbudo, M., Francisco, R. & Santos, R. P. (2014). Vivências de militares em missões internacionais: o impacto nas relações conjugais. *Revista de Psicologia Militar*, 23, 9-35.
- Bertalanffy, L. (1968). *General System Theory: Foundations, Development, Applications*. Nova Iorque: George Braziller, Inc.

- Biklen, S., & Bogdan, R. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 134-301.
- Bóia, A. (2014). *O impacto das missões internacionais na dinâmica dos casais militares portugueses: um estudo exploratório*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Bóia, A., Marques, T., Francisco, R., Ribeiro, M. T., & Santos, R. P. (2015). *Impact of international missions in marital relationship and parenting in military families: An exploratory study*. Manuscrito em preparação.
- Bowlby, J. (1969). Attachment: Attachment and loss (vol. 1). *London: Hogarth*.
- Bradshaw, C. P., Sudhinaraset, M., Mmari, K., & Blum, R. W. (2010). School transitions among military adolescents: A qualitative study of stress and coping. *School Psychology Review*, 39(1), 84.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3, 77-101.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the Family as a Context for Human Development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). *Ecological models of human development*. Retirado de: <http://www.psy.cmu.edu/~sieglar/35bronfenbrenner94.pdf>
- Carreiras, H. (2015). The Invisible families of Portuguese soldiers. From colonial wars to contemporary missions. In Moelker, R., Andres, M., Bowen, G. & Manigart, P. (Eds.), *Military Families and War in the 21st Century*. Inglaterra: Routledge.
- Cederbaum, J. A., Gilreath, T. D., Benbenishty, R., Astor, R. A., Pineda, D., DePedro, K. T., Esqueda, M. C., Atuel, H. (2013). Well-Being and Suicidal Ideation of Secondary School Students From Military Families. *Journal of Adolescent Health*, 1-6.
- Chandra, A., Lara-Cinisomo, S., Jaycox, L. H., Tanielian, T., Burns, R. M., Ruder, T. & Han, B. (2010). Children on the Homefront: Experience of Children From Military Families. *Pediatrics*, 125, 16-25.

- Gewirtz, A. H., McMorris, B. J., Hanson, S., & Davis, L. (2014). Family adjustment of deployed and nondeployed mothers in families with a parent deployed to Iraq or Afghanistan. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(6), 465.
- Gleitman, H., Fridlund, A. J. & Reisberg, D. (2014). Desenvolvimento Físico e Cognitivo, *Psicologia* (785-848). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jorge, A. P., Nascimento, J. L. & Lopes, L. M. (2014). A relação dos militares com as Forças Armadas: a influência do tipo de contrato formal na orientação para o trabalho e no tipo de contrato psicológico. *Revista de Psicologia Militar*, 23, 89-107.
- Kim, J. B., Kirchhoff, M. & Whitsett, S. (2011). Expressive arts group therapy with middle-school aged children from militar families. *The Arts in Psychotherapy*, 38, 356-362.
- Lichtman, M. (2006). *Qualitative Research in Education: A User's Guide*. Londres: SAGE Publications Inc.
- Maholmes, V. (2012). Adjustment of Children and Youth in Military Families: Toward Developmental Understandings. *Child Development Perspectives*, 1-6.
- Marek, L. I. & D'Aniello, C. (2014). Reintegration Stress and Family Mental Health: Implications for Therapists Working with Reintegreting Military Families. *Contemporary Family Therapy*, 36, 443-451.
- Marques, T. (2014). “O papá foi para a guerra, e agora?” O impacto das missões internacionais na parentalidade em famílias militares: um estudo exploratório. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Martínez-Sánchez, J. A. (2014). Psychological interventional in the Spanish militar deployed on international operations. *Psicothema*, 26(2), 193-199.
- Martins, T., Santos, R. P. & Francisco, R. (2014). Mudanças familiares e rede social dos cônjuges de militares em missão: um estudo exploratório. *Revista de Psicologia Militar*, 23, 131-155.

- McCubbin, H. I., & Patterson, J. M. (1983). The family stress process: The double ABCX model of adjustment and adaptation. *Marriage & Family Review*, 6(1-2), 7-37.
- Misra, P. & Singh, V. (2014). Exploring the Impact of Parental Military Deployment/Field Posting on Adolescents in Indian Military Families. *Psychological Studies*, 59(1), 36-43.
- Mmari, K., Bradshaw, C. P., Sudhinaraset, M. & Blum, R. (2010). Exploring the Role of Social Connectedness Among Military Youth: Perceptions from Youth, Parents, and School Personnel. *Child Youth Care Forum*, 39, 351-366.
- Mmari, K., Roche, K. M., Sudhinaraset, M., & Blum, R. (2009). When a parent goes off to war: Exploring the issues faced by adolescents and their families. *Youth & Society*, 40, 455-475.
- Mogil, C., Hajal, N., Garcia, E., Kiff, C., Paley, B., Milbrun, N. & Lester, P. (2015). FOCUS for Early Childhood: A Virtual Home Visiting Program for Military Families with Young Children. *Contemporary Family Therapy*. doi: 10.1007/s10591-015-9327-9.
- Morgan, D. L. (1998). *The Focus Group Guidebook: Focus Group Kit 1*. Londres: SAGE Publications Inc.
- Morris, A. S. & Age, T. R. (2009). Adjustment among youth in militar families: The protective roles effortful control and maternal social support. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 30, 695-707.
- Morse, J. (2006). New Emotional Cycles of Deployment: For Service members and their Families. *Deployment Health and Family Readiness Library*.
- Padden, D. & Agazio, J. (2013). Caring for military families across the deployment cycle. *Journal of Emergency Nursing*, 39(6), 562-568.
- Paley, B., Lester, P. & Mogil, C. (2013). Family Systems and Ecological Perspectives on the Impact of Deployment on Military Families. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 16, 245-265.

- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). Desenvolvimento Psicossocial na adolescência. *O Mundo da Criança* (571-579). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pincus, S., House, R., Christenson, J. & Alder, L. (2001). *The emotional cycle of deployment: A military family perspective*. Retirado de: <http://www.hooah4health.com/deployment/familymatters/emotionalcycle.htm>.
- Rasheed, J. M., Rasheed, M. N. & Marley, J. A. (2011). *Family Therapy: Models and Techniques*. Chicago: SAGE Publications, Inc.
- Riggs, S. A., & Riggs, D. S. (2011). Risk and resilience in military families experiencing deployment: The role of the family attachment network. *Journal of Family Psychology*, 25, 675-687.
- Rossen, E. & Carter, C. D. (2011). Supporting Students from Military Families. *Principal Leadership*, 11, 14-18.
- Sprinthall, N. & Collins, W. (2003). A influência do grupo de colegas na adolescência, *Psicologia do Adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (357-404). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sousa, F. X. F. (2011). *A Participação de Portugal nas Operações de Paz e a Segurança Nacional*. Retirado de: http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=634
- Van Breda, A. (1996). *Emotional cycles of deployment in the South African naval family: A collection of studies and essays*. Institute for Maritime Medicine, Social work department. Retirado de: http://www.vanbreda.org/adrian/pubs/emotional_cycles_of_deployment.pdf
- Vilhena, C. P. (2005). *Resiliência em contexto militar*. Tese de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Williams, B. (2013). Supporting Middle School Students Whose Parents Are Deployed: Challenges and Strategies for Schools. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 86(4), 128-135.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Apêndice A 1. Questionário Sociodemográfico: Alunos

Nome:

Idade:

Sexo: F / M

Zona de residência (concelho):

Com quem vive:

Qual dos pais é militar:

Duração da última missão:

Apêndice A 2. Questionário Sociodemográfico: Professores

Nome:

Idade:

Profissão:

APÊNDICE B

GUIÃO DE FOCUS GROUP – ALUNOS

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Em primeiro lugar queremos agradecer a todos vocês o facto de estarem aqui depois de um dia de aulas e a vossa disponibilidade para participarem nesta discussão.

O meu nome é Rita, e como vocês já sabem sou da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e estou a fazer um trabalho sobre as famílias militares e a forma como as escolas podem ajudar os filhos de pais militares. Comigo está outra pessoa que faz parte deste projecto, o/a XX, e que está aqui connosco para me ajudar a orientar e fazer alguns registos do que de mais importante for falado aqui.

Vocês foram convidados a participar nesta entrevista (que irá durar entre 1 hora e 1h30) porque as vossas experiências e as vossas opiniões, enquanto filhos de pais militares, são para nós extremamente valiosas.

Aqui não há respostas certas ou erradas, queremos sim que partilhem diferentes perspectivas e ideias – são livres de dizerem o que quiserem, por isso podem sentir-se à vontade para exprimir a vossa opinião, mesmo que seja contrária à dos vossos colegas, porque isso enriquece a discussão e aumenta muito a informação que podemos recolher.

Antes de começarmos, deixem-me lembrar-vos que estamos a gravar esta discussão apenas porque não queremos perder nada das vossas ideias e só as pessoas que estão envolvidas neste estudo terão acesso a esta gravação. Quero pedir-vos que fale só uma pessoa de cada vez para que tudo possa ficar claro na gravação e também, se possível, que desliguem os vossos telemóveis, para não fazer interferência com o gravador.

O meu papel aqui será colocar as questões, mas sobretudo ouvir. Eu não entrarei na conversa, mas quero que se sintam completamente à vontade para falarem uns com os outros. Para nós é muito importante ouvir-vos a todos porque todos têm experiências diferentes. Então para começar...

Abertura

- 1) Por favor, digam o vosso nome, idade, qual dos vossos pais é militar, quantas vezes já participou em missões internacionais, há quanto tempo foi o último deslocamento e se se lembram quanto tempo durou.

Introdução

- 2) Quando se fala no trabalho dos vossos pais militares, em que pensam?

Transição

- 3) Lembrem-se daquilo que já viveram em família. Como costuma ser o vosso dia-a-dia em casa, a partir do momento em que sabem que os vossos pais vão participar numa missão?
- 4) O que é que acontece de diferente convosco nessa altura?

Perguntas-chave

- 5) Durante o período em que os vossos pais estão fora, como é que vocês se sentem?
- 6) Como lidam com esses sentimentos?
- 7) A forma como estão na escola nesse período altera-se de alguma maneira?
- 8) Na escola, o que acham que vos ajuda a lidar com o deslocamento dos vossos pais? (Os vossos professores ou outros adultos da escola têm conhecimento das missões dos vossos pais? Eles costumam falar convosco sobre o assunto?)
 - a. E em geral, fora da escola?
- 9) O que sentem que vos poderia ser mais útil na escola nessas alturas?
 - a. Reuniões em grupo com professores?
 - b. Reuniões em grupo com colegas na mesma situação e um moderador?
 - c. Actividades que possam levar a família?
 - d. Professores falarem nisso naturalmente?
 - e. Criar-se um fórum onde podessem tirar dúvidas?
 - f. Apoio do psicólogo da escola?
- 10) Quando os vossos pais regressam, como os costumam receber?
 - a. Como se sentem?
 - b. Quem ou o que vos ajuda a lidar com esse regresso?
- 11) Acham que a escola vos ajuda nessa altura, de alguma maneira?

Conclusão

- 12) Estamos a tentar perceber qual seria a melhor ajuda para jovens filhos de pais militares nas escolas. Querem acrescentar alguma ideia que vos pareça importante sobre o tema e que ainda não tenhamos falado?

Resta-nos agradecer a vossa participação e a ajuda que nos deram, foi muito importante para o nosso trabalho. Muito obrigada a todos e até à próxima!

APÊNDICE C

GUIÃO DE FOCUS GROUP – PROFESSORES

Boa tarde a todos, sejam bem-vindos. Em primeiro lugar queremos agradecer a todos vocês o facto de estarem aqui e a vossa disponibilidade para participarem nesta discussão.

O meu nome é Rita, e como vocês já sabem sou da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e estou a fazer um trabalho sobre as famílias militares e a forma como as escolas podem ajudar os filhos de pais militares. Comigo está outra pessoa que faz parte deste projecto, o/a XX, e que está aqui connosco para me ajudar a orientar e fazer alguns registos do que de mais importante for falado aqui.

Vocês foram convidados a participar nesta entrevista (que irá durar entre 1 hora e 1h30) porque as vossas experiências e as vossas opiniões, enquanto adultos que lidam ou já lidaram com filhos de pais militares, são para nós extremamente valiosas.

O objectivo desta discussão é que partilhem diferentes perspectivas e ideias – por isso são livres de dizerem o que pensam.

Antes de começarmos, deixem-me lembrar-vos que estamos a gravar esta discussão apenas porque não queremos perder nada das vossas ideias e só as pessoas que estão envolvidas neste estudo terão acesso a esta gravação. Quero pedir-vos que fale só uma pessoa de cada vez para que tudo possa ficar claro na gravação e também, se possível, que desliguem os vossos telemóveis, para não fazer interferência com o gravador.

O meu papel aqui será colocar as questões, mas sobretudo ouvir. Eu não entrarei na conversa, mas quero que se sintam completamente à vontade para falarem uns com os outros. Para nós é muito importante ouvir-vos a todos porque todos têm experiências diferentes. Então para começar...

Abertura

- 13) Por favor, digam o vosso nome, a vossa função aqui na escola e que experiência têm a lidar com alunos, filhos de pais militares.

Introdução

- 14) Quando se fala em crianças e jovens filhos de pais militares, no que pensam?

Transição

- 15) Lembrem-se da vossa experiência profissional com estes jovens – que experiência vos marcou mais?

Perguntas-chave

- 16) O que pensam relativamente às vivências destes jovens?
- a. E das suas famílias?
- 17) Ao lidarem com estes alunos, filhos de pais militares, o que sentem que é especial / diferente?
- a. Identificam alturas específicas em que os alunos se comportam de forma diferente do habitual? (e.g., mais calados, agressivos, reactivos, isolados)
 - b. Sentem que conseguem habitualmente responder às suas necessidades?
 - c. Seria importante para vós conhecerem melhor as características específicas das famílias militares e das fases por que eles passam quando um dos pais participa numa missão internacional?
- 18) De que forma acham que a escola contribui para o bem-estar destes alunos, durante o período das missões internacionais?
- a. Como poderia contribuir mais?
- 19) O que vos poderia ser útil para ajudarem o melhor possível estes vossos alunos?
- a. Gostariam de ter alguém que vos apoiasse?

Conclusão

- 20) Estamos a tentar perceber qual seria a melhor ajuda para as escolas, para jovens filhos de pais militares. O que sentem que faz mais falta para vós terem na escola, para melhor ajudarem estes jovens e famílias?

Resta-nos agradecer a vossa participação e a ajuda que nos deram, foi muito importante para o nosso trabalho. Muito obrigada a todos e até à próxima!

APÊNDICE D

CONSENTIMENTO INFORMADO – ALUNOS

Consentimento Informado

Soube que um grupo de investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE) está a realizar um estudo para perceber como nós, filhos de pais militares, lidamos com a participação dos nossos pais em missões internacionais, e desenvolver um projecto na escola, com o intuito de ajudar todos aqueles que, nas escolas, interagem connosco.

Os alunos que concordarem em participar vão ser entrevistados em grupo por uma estudante de Psicologia, membro da equipa de investigação, onde irão discutir as suas ideias acerca destas questões.

A entrevista dura aproximadamente 1 hora e 30 minutos e será gravada em áudio, mas ninguém saberá aquilo que eu disser na entrevista, à excepção dos colegas que integrarem o grupo e as pessoas que estão a fazer este estudo.

Eu tenho o direito de responder só às perguntas que quiser e tenho a obrigação de respeitar a privacidade dos meus colegas; por isso comprometo-me a não divulgar a ninguém aquilo que os meus colegas contarem durante a entrevista.

Sei que, quer participe quer não participe, isso não irá influenciar as minhas notas ou aquilo que os professores pensam sobre mim.

Compreendo que posso não ganhar nada directamente por participar nesta entrevista, mas a minha participação poderá ser muito útil para outras pessoas, no futuro.

Aceito participar neste estudo e aceito ser entrevistado no dia X, pelas X horas. Se, em algum momento, decidir que não quero participar, posso desistir e não preciso de explicar as minhas razões e isso não terá nenhuma consequência negativa para mim.

(nome)

(data)

Contactos dos investigadores, para eventual contacto ou pedido de informação:

ritapinto.8@gmail.com, rmfrancisco@psicologia.ulisboa.pt;

918933052

APÊNDICE E

**CONSENTIMENTO INFORMADO –
PROFESSORES**

Consentimento Informado

Soube que um grupo de investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE) está a realizar um estudo para perceber como os filhos de pais militares lidam com as suas missões, e desenvolver um projecto na escola, com o intuito de ajudar todos aqueles que, tal como nós, fazem parte da comunidade escolar e lidam com estes jovens e os seus pais.

Os professores / psicólogos escolares que concordarem em participar vão ser entrevistados em grupo por uma psicóloga responsável pelo estudo, onde irão discutir as suas ideias acerca destas questões.

A entrevista dura aproximadamente 1 hora e 30 minutos e será gravada em audio, mas ninguém saberá aquilo que eu disser na entrevista, à excepção dos colegas que integrarem o grupo e as pessoas que estão a fazer este estudo.

Eu tenho o direito de responder só às perguntas que quiser e tenho a obrigação de respeitar a privacidade dos meus colegas; por isso comprometo-me a não divulgar a ninguém aquilo que estes relatarem durante a entrevista.

Compreendo que posso não ganhar nada directamente por participar nesta entrevista, mas a minha participação poderá ser muito útil para outras pessoas, no futuro.

Aceito participar neste estudo e aceito ser entrevistado no dia 16 de Julho, pelas 10 horas. Se, em algum momento, decidir que não quero participar, posso desistir e não preciso de explicar as minhas razões e isso não terá nenhuma consequência negativa para mim.

(nome)

(data)

Contactos dos investigadores, para eventual contacto ou pedido de informação:

ritapinto.8@gmail.com, rmfrancisco@psicologia.ulisboa.pt;

918933052

APÊNDICE F

AUTORIZAÇÃO DOS ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO

Ex.mo Sr. Encarregado de Educação,

Um grupo de investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE) está a realizar um estudo intitulado *“Desenvolvimento de um programa de intervenção preventiva em meio escolar - estratégias a implementar com filhos de militares destacados em missões”*. Este estudo é desenvolvido pela Ana Rita Rodrigues Pinto (estudante de Mestrado Integrado em Psicologia) e coordenado pela Professora Doutora Rita Francisco, Professora Auxiliar Convidada da FPUL, e pelo Major Renato Pessoa Santos, psicólogo do CPAE. Com este estudo, pretende-se aprofundar o conhecimento acerca da vivência de filhos de pais militares nas escolas por forma a ajudar, através do projecto acima referido, todos aqueles que, nas escolas, interagem com crianças e jovens, filhos de pais militares.

Assim, vimos, desta forma, solicitar a V. Excelência autorização para que o seu educando participe na presente investigação, que consiste na realização de uma entrevista em grupo (de 6 a 8 alunos), com a duração aproximada de 1 hora e 30 minutos. Proceder-se-á a uma gravação áudio da entrevista, à qual só terão acesso os investigadores responsáveis pelo estudo. Os nomes de todos os participantes serão mantidos confidenciais.

Nesta entrevista, pretende-se que os alunos possam discutir entre si, e com a moderadora (estudante de psicologia responsável pelo estudo), as suas ideias gerais sobre: a vivência com pais militares, a forma que eles encontram de lidar com o deslocamento e o regresso dos pais, e de que maneira acham que a escola pode ajudar a sua família e a si próprio a gerir essas situações.

A participação do seu educando neste estudo é inteiramente voluntária e, caso ele não participe, não advirão daí quaisquer consequências. Para respeitar a privacidade de cada um, não será pedido aos alunos que partilhem qualquer tipo de experiências que considerem demasiado pessoais. De qualquer forma, os alunos terão toda a liberdade para se recusarem a responder a questões com que não se sintam à vontade, e podem desistir a qualquer altura sem daí advirem quaisquer consequências.

Apesar da participação do seu educando neste estudo poder não ter benefícios directos para ele, a sua participação poderá ser muito útil para outras pessoas, no futuro.

Quando este estudo terminar, os seus principais resultados serão devolvidos às escolas após a apresentação pública da dissertação, e serão ainda colocados no site do Exército Português, na página do *Projecto Eu, Tu & Nós* (<http://www.exercito.pt/FNDAp/Paginas/Default.aspx>).

Os investigadores responsáveis pelo estudo encontram-se à sua disposição para responder a quaisquer dúvidas que a participação do seu educando na entrevista possa suscitar.

Muito obrigada. Com os melhores cumprimentos,

Pela equipa de investigação

(Rita Francisco)

Contactos: ritapinto.8@gmail.com (918933052),
rmfrancisco@psicologia.ulisboa.pt

Autorização

Eu, Encarregado de Educação de _____ (nome do aluno), autorizo que o meu educando participe no projecto de investigação “Eu, Tu E Nós na Escola”, mais especificamente na entrevista em grupo que se irá realizar na Escola X.

(assinatura)

(data)

Por favor, deixe o seu contacto telefónico para que, mais próximo da data de realização da entrevista, possamos confirmar a presença do seu educando.

Telefone: _____

Muito obrigada.

APÊNDICE G

ÁRVORE DE CATEGORIAS

Nome da Categoria	Nº de fontes	Nº de referências
Militares - Missão Internacional	0	0
Impacto nos filhos	3	156
Emoções Associadas	3	31
Ao Deslocamento	3	16
Ansiedade	1	1
Saudade	2	10
Tristeza	2	2
Preocupação	3	4
Mãe	1	1
Pai	2	3
Ao Pós-Deslocamento	2	15
Felicidade	2	14
Ansiedade	1	5
Alívio	1	1
Explosão de energia	1	2
Alterações	3	30
Em casa	3	18
Rotinas	2	4
Mais tarefas	3	5
Mais liberdade	1	1
Falta de ajuda nos TPC's	1	3
Apoio Mútuo	3	5
Na escola	1	2
Isolamento	1	2
Diminuição do rendimento académico	1	1
Inexistentes	3	12
Fontes de Suporte	3	15
Família em geral	1	2
Pares	2	8
Professores	1	1
Mãe	2	5
Factores promotores de adaptação	3	54
Preparação	1	6
Relação Parental	3	5
Idade - Nível de Desenvolvimento	1	4
Temperamento - Personalidade	1	2
Habituação	3	11
Actividades Extra-curriculares	3	8
Dança	1	1
Desporto	2	3
No Geral	1	4
Comunicação	2	11
No geral	1	2
Utilização das TIC	2	9
Actividades Curriculares	1	5
Planos Futuros	1	1
Distracção	2	9
O que pode ajudar	2	39
Reuniões com pares na mesma situação	2	9
Concordo	2	7
Não concordo	1	2

Fórum	2	8
Concordo	2	5
Não concordo	2	3
Apoio Psicológico	2	7
Concordo	2	4
Não concordo	2	3
Actividades	1	8
Em Família	1	5
Outras	1	3
Director de Turma saber da missão	1	10
Concordo	1	9
Não concordo	1	1
Necessidades da Comunidade Escolar	1	9
Articulação com a família	1	4
Pais informarem das missões	1	3
Abertura para falarem do assunto	1	1
Articulação com CPAE	1	5
Informarem	1	5
Missões	1	1
Pistas para os professores actuarem	1	5
Apoio psicológico perto das escolas	1	2